

Revista de Espiritualidade

Ano XVII – Nº 66 – Abril / Junho 2009 – Preço – 5,00 € (IVA incluído)

ATÉ À UNIÃO COM DEUS

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Até à união com Deus 83

JEREMIAS CARLOS VECHINA

Edith Stein - Biografia 85

Edith Stein - A Conversão 119

AMÉRICO PAULO S. F. MAIA

*O tema da “Inabitação” de Deus
(Na alma dos justos) ao longo da história da teologia* .. 135

TERESA BERNARDINO

S. Nuno de Santa Maria 151

BERNARDO DOMINGUES

*Humanização e espiritualidade – Nos aspectos da relação
de ajuda correcta nos cuidados continuados* 155

NÚMERO 66

Abril – Junho 2009

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Joaquim da Silva Teixeira
P. Vasco Nuno da Costa

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Convento de Avessadas
Apartado 141
4634-909 MARCO DE CANAVESES
Tel. 255 531 354 – Fax 255 531 359
E-Mail: editorial@carmelo.pt

Assinatura Anual (2009)	€ 20,00
Europa	€ 27,00
Fora da Europa	€ 46,00
Número avulso	€ 5,00

ATÉ À UNIÃO COM DEUS

ALPOIM ALVES PORTUGAL

“Devemos dizer que há duas maneiras de possuir a Deus: por graça e por união. Entre estas duas formas existe a mesma relação que entre o desposório e o matrimónio. No desposório há uma só vontade para ambas as partes, frequentes visitas do esposo à esposa, e intercâmbio de presentes; mas não há comunicação recíproca nem união das pessoas, como a que existe no matrimónio. Da mesma maneira a vontade de Deus e a da alma, pela total purificação desta, chegaram a uma total e livre conformidade...” (*Edith Stein, Ciência da Cruz*).

Foi um caminho longo, e difícil, aquele que teve que percorrer Edith Stein que nos vai servir, mais uma vez, de protagonista, neste número da Revista de Espiritualidade, na continuação da apresentação das conferências pronunciadas na Semana de Espiritualidade na sua XXV edição.

Como podemos ver pelo relato breve da sua biografia e, especialmente, pelo seu itinerário espiritual e místico, sobretudo a partir da sua conversão como um processo continuado de adesão a Cristo e de união, esta grande mulher do século XX, filósofa e santa, mártir e co-padroeira da Europa, mostra-nos como se pode caminhar até à união com Deus ainda nesta vida de peregrinos.

A união mística com Deus é inseparável da inabitação divina por graça nas almas, apesar de ser essencialmente diferente dela, segundo a opinião de Edith Stein: “A inabitação por graça somente é possível em seres pessoais e espirituais, porque supõe a livre aceitação da graça santificante naquele que a recebe... Isto significa que Deus não pode morar desta maneira em nenhuma alma pecadora que viva de costas voltadas

para Deus... Que Deus não possa morar por graça em seres impessoais, infra-humanos, é algo que se deduz da própria natureza desta maneira de presença divina. Esta implica uma influência permanente, um contínuo derramar-se da vida e do ser divino na alma agraciada. Ora este ser de Deus é vida pessoal e somente pode derramar-se onde, por um acto pessoal, se lhe dá entrada. Esta é a razão porque é impossível a recepção da graça se não se aceita pessoalmente. O resultado é uma fusão de duas vidas e de dois seres, que não é possível a não ser onde houver um ser que tenha vida interior, espiritual. Somente um ser que vive pelo espírito pode receber em si uma vida espiritual” (*Ciência da Cruz*).

A união entende-se como um toque pessoal de Deus no centro da alma. Trata-se de um encontro de pessoa a pessoa e, por isso mesmo, de um conhecimento experimental já desde os primeiros graus da união. Deus toca com a sua própria divindade no mais profundo da alma... e termina numa mútua entrega de pessoa a pessoa.

Edith faz a descrição da vida profunda que se estabelece nesta união deixando transparecer a sua própria experiência pessoal, e mostrando a diferença entre a presença por graça e a presença por união: “Estamos... diante da mais profunda imersão da alma na essência divina, que a deixa como divinizada; uma união e identificação de duas pessoas que não anula a sua independência, mas que, precisamente, a supõe; uma compenetração só superada e ultrapassada pela própria vida das divinas pessoas, que é o seu protótipo...” (*Ciência da Cruz*).

O P. Américo Paulo faz um breve percorrido da teologia da «inabitação de Deus» e Fr. Bernardo, a quem já nos habituámos nas suas breves reflexões e apontamentos práticos, diz-nos, desta vez, como também podemos actuar em situações tão delicadas como as que se nos apresentam hoje.

Finalmente não quisemos deixar passar o momento de graça que foi para a Igreja, e especialmente a Igreja portuguesa, a canonização de Nuno de Santa Maria, com uma palavra breve de Teresa Bernardino.

Desejamos uma boa leitura para todos os que têm nas mãos este número da Revista de Espiritualidade.

EDITH STEIN

BIOGRAFIA

JEREMIAS CARLOS VECHINA

Edith Stein nasceu em Breslau no dia 12 de Outubro de 1891. Foram seus pais Siegfried Stein e Augusta Courant. Edith é a mais nova de onze irmãos, vindo a sobreviver somente sete: Paulo, Elsa, Arno, Frieda, Rosa, Erna. Edith nasce numa família profundamente judia passada pelo fogo do amor, do sacrifício e do sofrimento. O 12 de Outubro daquele ano era o dia da “expição”.

Conta Edith que seu pai conheceu pela primeira vez sua mãe quando esta tinha nove anos. E todos os anos a visitava algumas vezes até que se casaram quando esta tinha vinte e um anos. Sua mãe, Augusta Courant, era judia de puro-sangue, muito empreendedora.

Nos primeiros anos do seu casamento, Siegfried trabalha num negócio de madeiras de sua mãe, já viúva. Uma vez que a vida não lhes corria muito bem, decidiram deixar Gleiwitz, terra de Siegfried, e mudaram-se para Lublinitz, terra de Augusta, juntamente com os três filhos que já tinham nesta altura. Aqui nasceram mais três. Também em Lublinitz a vida não foi fácil até que na Páscoa de 1890 se mudaram para Breslau.

Breslau é a capital da Silésia; uma grande cidade sobre o rio Oder, ponte entre o oriente eslavo e o ocidente germânico. Por isso mesmo, foi uma cidade muito mal tratada por guerras e contratos políticos que muitas vezes maltrataram. Era uma cidade industrial pela exploração dos seus bosques e das minas de carvão. No tempo de Edith pertencia à Alemanha, mas nela residiam muitos polacos e judeus. Depois da 2ª Guerra mundial passou a pertencer à Polónia, tomando o nome de Wroclaw. A partir deste momento o seu germanismo foi desaparecendo.

Chegados a esta bela cidade da Baixa Silésia alugam um espaço para abrir um novo negócio de madeiras, no qual também não foram muito afortunados. Um dia de Julho de 1893 uma inesperada desgraça traz a tristeza e o luto a esta família. Vítima de uma insolação, morre o pai Siegfried no meio do bosque, durante uma viagem de negócios. Contava somente cinquenta anos.

Augusta continuará o negócio do marido. Pagou as dívidas e fê-lo prosperar. Era filha dum comerciante e, por isso mesmo, tinha queda para o negócio. Tinha coragem e capacidade de decisão, mas também a suficiente prudência para não arriscar demais. Era enérgica e “intransigente com a hipocrisia e a auto-suficiência exagerada”. Muito religiosa, forte na fé e moral judaicas. Em casa rezava-se sempre em hebraico e eram observadas todas as normas do Talmud; contudo, havia algo de doloroso, porque não participavam com devoção senão a mãe e os pequenos”.

A senhora Augusta era muito caritativa; muitas vezes comprava parte de bosques para repartir lenha pelos pobres no Inverno. A sua religiosidade estava implicada no campo social, laboral, etc. Edith, ao falar de sua mãe e do interesse que ela tinha pela família, é capaz de reconhecer: “não era fácil alimentar e vestir sete filhos”.

Apesar de tudo, como afirma Edith: “nunca passámos fome, embora nos tivéssemos de acostumar a uma vida de grande simplicidade e economia”.

Relação com a mãe

Edith era a filha mais nova e será a predilecta da mãe, a mais querida. Foi aquela sobre a qual Augusta exerceu maior influência. Permanecerão sempre unidas por um grande afecto, apesar das diferenças que vão aparecer com o decorrer dos anos. A senhora Augusta, além de mãe, também fez as vezes de pai, uma vez falecido o marido em 1893.

Quando, em 1932, Edith tratar da educação da mulher, apresentará um texto onde ressoa a experiência pessoal que ela teve quando criança com a sua mãe. Por aqui se vê até que ponto a presença da mãe configurou a vida da filha¹.

¹ “Para a criança nada pode substituir o crescimento junto a uma mãe que encarne a autêntica feminilidade. Ela deve experimentar nos primeiros anos aquele carinho protector que enche tudo aquilo que a criança necessita antes de saber o que lhe falta. Que em todas as situações sabe o conselho, a

Ao relatar a sua infância, Edith não pode deixar de fazer referência à quase omnipresença da mãe na sua vida. Escreve em determinado momento: “Também nos dias duros de Inverno mantinha as suas mãos quentes e podia aquecer as minhas. Isto para mim, era o símbolo de que na nossa casa tudo recebia vida e calor dela” (EA 49). “Antes de minha mãe ir para a cama, vinha ao meu quarto e oferecia-me o seu braço para que me deitasse... Eu defendia-me sorrindo e ela ia-se embora dando-me antes o beijo da noite” (111).

Uma vez morta a mãe (1936), a filha já católica defenderá, com o amor e respeito de sempre, a sua fé inquebrantável, argumentando contra os rumores segundo os quais, à última hora, ela teria mudado de credo. Mesmo depois da morte, mãe e filha permanecerão unidas. É isto que manifesta o filme *La settima stanza*. No campo de concentração, no momento da sua morte, Edith aparece abraçada à sua mãe.

Apesar da boa relação que tinha com a sua mãe, não era ela a sua confidente: “Apesar desta união tão íntima, não foi a minha mãe a minha confidente. Foi-o em tão escassa medida como qualquer outra pessoa”.

Edith Stein teve uma irmã, chamada Erna, que exerceu uma grande influência na sua vida. Eram duas irmãs muito íntimas uma para a outra. Viviam como se fossem “gémeas”. Somente as separava um ano e oito meses de idade. Quando Erna começou a ir à escola, com a idade de seis anos, como Edith não podia ir com ela, sentiu-se muito infeliz.

Ao faltar-lhe companhia em casa, inscreveram-na num jardim de infância. “Isto feriu a minha dignidade”, escreveu Edith mais tarde. E continua: “O levar-me cada manhã era uma verdadeira batalha. Não era nada amável com os meus companheiros e difícil de conseguir que brincasse com eles”. Ao aproximar-se a data em que faria seis anos Edith tomou a decisão de terminar com o “odiado” jardim-de-infância.

Edith era uma pequena teimosa e um pouco irascível, mas pela idade dos sete anos sofreu uma grande transformação: tornou-se muito pensativa, introvertida e taciturna. Ambiciosa de liberdade e com uma grande paixão

ajuda e a confiança, participa da alegria e da dor, e, contudo, tem aquela inflexível firmeza que detém os apetites desordenados e abre caminho àquelas virtudes que, na vida futura, podem chegar a ser difíceis ou a não se adquirirem: a limpeza, a ordem, a obediência, a veracidade e a reflexão. Então o vínculo vital converteu-se num laço anímico-espiritual, que jamais se poderá romper” EDITH STEIN, *La mujer. Su naturaleza y misión*, Monte Carmelo, Burgos, 1998, 253.

pelo saber. A sua infância e adolescência transcorreram como as de qualquer menina da sua idade. Aos seis anos exige ser admitida na escola. Quer desta maneira fugir do proteccionismo da sua mãe e irmãos. É na escola onde o seu espírito encontra esse campo aberto, onde o seu mundo interior se pode expandir, o que já se fazia notar.

No dizer de Edith, a escola desempenhou, na sua infância, um papel muito importante. Quando ali entrou já se encontrava familiarizada com ela, uma vez que as suas duas irmãs mais velhas nela tinham estudado.

No fim do curso reuniam-se todas as classes na aula magna. O director lia a lista das que passavam, começando pela primeira classe, e dentro de cada classe, por ordem de colocação nos bancos, e desta maneira sabia-se quem “subia” e quem “descia”. Edith era sempre a primeira a “subir”.

Adolescência e vazio religioso

De entre todos os valores que os filhos mais apreciam em Augusta sobressai em muito o religioso. Ela estava profundamente enraizada na fé em Deus Criador e Senhor conforme a religião judaica. Sentia-se dependente e muito confiante n’Ele. Quis transmitir esta mesma fé a seus filhos, mas estes deixaram-se influenciar pelo ambiente liberal irreligioso, então dominante em muitos sectores do judaísmo. O mesmo acontece no cristianismo.

Entre os grandes acontecimentos familiares estavam as grandes festas judaicas. Contudo a celebração das festas tinha algo de doloroso, porque só a mãe e as crianças participavam nelas com devoção. Até aos treze ou catorze anos Edith participava nestas festas e acompanhava sua mãe à Sinagoga.

Edith, a partir dos treze, catorze anos abandona toda a prática religiosa. Mais tarde, ao descrever esta fase da sua vida, chama-a a “etapa de ateísmo”, nunca militante e polémico. Com humildade e verdade dirá, referindo-se à sua estadia em Hamburgo na casa de sua irmã Elsa, que era totalmente descrente: “Aqui, com plena consciência e livre decisão, abandonei a oração”.

Mas Deus tem os seus caminhos. Noutro lugar escreve: “Já contei como perdi a fé da minha infância e como quase ao mesmo tempo comecei

a considerar-me pessoa independente, a subtrair-me a toda a tutela de minha mãe e irmãos”.

Apesar do seu ateísmo, Edith sempre teve uma vida moral íntegra. Talvez pesasse o exemplo da sua mãe. Além deste exemplo, Edith ama a verdade e odeia a mentira. Gosta de fazer bem aos seus semelhantes. Há nela um fundo de bondade natural, que manifesta a influência da mãe e a acção secreta da graça de Deus na sua alma, nos anos sombrios da sua adolescência e primeira juventude. Anos mais tarde, pouco antes da sua morte, na sua obra, *Ciência da Cruz*, Edith faz a seguinte observação: “A alma da criança é branda e fácil de moldar. Aquilo que nela penetre, pode formá-la para toda a vida quando os acontecimentos da história da salvação penetram devidamente na alma da criança, com toda a probabilidade foram colocadas as bases para uma vida santa”.

É provável que Teresa Benedita da Cruz, quando isto escreve, se esteja a lembrar dos anos da sua infância.

Apesar de ser boa estudante – alguns chamam-na a “inteligente” Edith – ela cansa-se de estudar e abandona a escola. Trata-se da etapa da sua estadia em Hamburgo. Mas acaba por reflectir e retoma com brio a tarefa escolar. Recupera o tempo perdido através de aulas particulares e estudo intensivo. Aos dezanove anos consegue fazer o bacharelato com as melhores classificações. Dado o brilhantismo com que realiza os exames escritos, foi dispensada da prova oral. Destaca principalmente no alemão, latim e história. Estamos a 3 de Março de 1911.

Como é que Edith vai orientar a sua vida futuramente? A sua vocação intelectual é clara. Quer estudar filosofia. No seu vazio interior espera que a filosofia lhe traga alguma luz. Breslau, Gotinga, Friburgo... são etapas da sua carreira universitária.

Breslau 1911-1913

Logo que termina o bacharelato, matricula-se, em Abril do mesmo ano (1911), na Universidade da sua cidade natal para o semestre de verão. É uma jovem bem comportada, embora agnóstica ou indiferente.

Edith vai até “à Universidade” não no sentido de “tirar” boas notas e desta maneira “colocar-se” na vida. Ela quer saber, quer encontrar e dar um sentido à sua vida. Procura a verdade sobre si mesma e sobre o mundo.

Durante os quatro semestres que permanece em Breslau sente-se muito bem, embora não a satisfaçam as aulas da maioria dos seus mestres. Estão impregnados do idealismo kantiano, que fecha o caminho racional às realidades supra-sensíveis, que são precisamente aquelas que ela procura.

Nos seus anos de universidade, já seja pelos conselhos e exemplo da mãe, já seja pela influência secreta da graça de Deus, sempre se manteve moralmente sã. Referindo-se ao comportamento de um amigo estudante, que usava um tom frívolo ao tratar temas eróticos de uma novela, sente-se incomodada e disposta, se preciso fora, a romper a amizade menos pura, e diz: “Eu não queria ter trato com gente que neste ponto não fosse completamente limpa”.

Edith escolheu aquelas matérias que podiam responder à sua inquietação pessoal, como por exemplo, alemão, história, psicologia e filosofia. Na psicologia centrou os seus estudos durante dois anos. Ao fim deste tempo sentiu-se desiludida com a psicologia. Ela procurava averiguar a essência da pessoa humana e a única coisa que a psicologia lhe ofereceu foi um método naturalista e puramente mecânico, que no fundo partia da concepção da “pessoa sem alma”. A partir da sua experiência e da contemplação da realidade, Edith não podia aceitar esta visão restritiva da pessoa humana. Era como privar a pessoa da sua dignidade mais íntima.

A filosofia que então era ministrada nesta universidade também não a preenchia, uma vez que seguia o neo-kantismo representado no seu professor. É verdade que a sua reacção não foi tão violenta como com a psicologia de Stern, mas também não deixou marcas no seu pensamento posterior. Mas é precisamente aqui que ela conhece o filósofo que virá mudar o seu método de aproximação à realidade do homem. Trata-se de Husserl e da sua recém fundada escola fenomenológica. O pouco que vai captando desta nova corrente de pensamento vai impressionando o seu espírito, até que se decide a ler as *Investigações lógicas* de Husserl, obra que produziu nela um forte impacto: “Todos os meus estudos de psicologia me haviam levado à convicção de que esta ciência estava ainda no seu início. Faltava-lhe o necessário fundamento de ideias básicas claras e que a mesma ciência era incapaz de elaborar esses pressupostos. Pelo contrário, o que até aquele momento conhecia da fenomenologia tinha-me entusiasmado, porque consistia fundamental e essencialmente num trabalho de clarificação e porque desde o princípio ela mesma tinha forjado os instrumentos intelectuais de que necessitava” (EA 173s).

Não podemos esquecer os outros aspectos que definem os seus anos como universitária. A sua preocupação mais clara é a pessoa humana e o sentido do seu ser e existência. Esta preocupação não é só intelectual. O seu activismo e compromisso com diversos agrupamentos demonstram que a sua preocupação teórica surge de uma profunda necessidade de colaborar na mudança das estruturas injustas da sociedade.

Gotinga 1913-1915

Atraída pela *Escola Fenomenológica*, Edith Stein deixa a universidade da sua cidade natal e encaminha-se para Gotinga, onde Husserl é professor. A sua intenção inicial era passar simplesmente um semestre em Gotinga, mas bem depressa se convenceu do caminho a seguir. Deu-se nela uma verdadeira conversão filosófica².

O modo de conhecimento, próprio desta escola, exige do intelectual uma profunda ascese mental, como libertação de todo o preconceito racionalista, ou de todo o conceito apriorístico. Este modo de se abrir à realidade tem muito de comum com o olhar contemplativo do místico. O místico para alcançar a Deus tem que se “purificar”, despojar-se do “homem velho” para se revestir de Cristo, “o homem novo”, e desta maneira contemplar o rosto autêntico de Deus, o ser puro, tal como Ele é. Por aqui se compreende que muitos fenomenólogos seguidores de Husserl tenham chegado a encontrar-se com Cristo e a converter-se ao cristianismo, como por exemplo: Max Scheler, Adolfo Reinach, Dietrich von Hildebrand, todos eles conhecidos de Edith.

Nas aulas de Husserl esperava Edith encontrar o caminho para a realidade, ou seja, a verdade. É isto que a leva a Gotinga.

Este período, 1913-1915, é o mais decisivo da sua vida antes da sua conversão. Com os seus vinte e um anos é uma jovem universitária, ansiosa por saber, generosa com as suas amigas, mais aberta com a sua família, a quem escreve semanalmente. Gosta de fazer longos passeios e

² Até aqui, Edith vinha raciocinando a partir dum sistema filosófico fundamentado em categorias apriorísticas, agora desaparecem todos os preconceitos e aproxima-se da realidade tal como ela se apresenta. Trata-se de uma forma diferente de enfrentar a realidade: deixar que a “essência” da realidade contemplada apareça, a partir da observação directa e através da experiência. O mesmo ser da realidade só se deixa captar através de um olhar espiritual puro, é o que Edmundo Husserl baptizou com o nome de “intuição”.

excursões pelas montanhas próximas e de visitar os monumentos artísticos mais importantes. Mas acima de tudo está o estudo da Fenomenologia ao qual se entrega totalmente. Levanta-se às seis da manhã e só à meia-noite é que se retira para descansar.

Quem despertou a atenção de Edith para o fenómeno religioso foi Max Scheler. Em 1913 deu um ciclo de conferências em Gotinga. Nesta época Scheler vivia convictamente o catolicismo e as suas lições públicas eram uma síntese das suas convicções interiores. A impressão que produziu em Edith não foi de indiferença: *“Este foi o meu primeiro contacto com aquele mundo até então desconhecido. Todavia não me conduziu à fé, mas abriu-me a uma esfera de ‘fenómenos’, diante dos quais não podia passar com os olhos fechados. Não em vão nos haviam inculcado que devíamos olhar as coisas sem preconceitos, tirando-nos antes todas as lentes dos olhos... e o mundo da fé ficou repentinamente aberto diante de mim. [...] Contentei-me com captar sem oposição os estímulos da minha circunstância, transformando-me quase sem o notar”*³.

Uma sua amiga, Erika Gothe, companheira de Edith durante estes anos e que participou nestas conferências, fala do impacto que em ambas produziu o pensamento de Scheler: *“Pronunciava suas conferências sobre temas religiosos, por exemplo «a essência do santo», o fenomenologista de Munich, Max Scheler. Estas conferências foram um acontecimento na pequena cidade universitária [...]. Mas ambas éramos ainda totalmente profanas e do mundo. Da passagem a ela [à fé] não falámos nunca nem uma só palavra. E, não obstante, tinha sido para mim e também para ela o primeiro choque com o caminho da conversão”*⁴.

Atendendo às inquietações pessoais de Edith podemos afirmar que o problema que lhe interessa resolver nos seus estudos é o da pessoa como sujeito espiritual. É uma das principais conclusões a que chegou com os seus estudos e tese sobre a empatia, e que estará na base de todas as suas investigações posteriores, nas quais o interesse antropológico constitui a sua preocupação primordial.

No caminhar para a verdade, que foi sempre o seu objectivo, tem lugar um acontecimento importante neste período. Terminados os exames, Edith oferece-se como enfermeira auxiliar da Cruz Vermelha para ir para a

³ ALF, pp. 229-230 / EA, p. 211.

⁴ Citado em Posselt, pp. 68-69.

frente de batalha. Era uma decisão tomada já no ano anterior ao estalar, a 31 de Julho de 1914, a guerra. Ela tinha feito esta reflexão: *“Agora a minha vida não me pertence... todas as energias estão ao serviço do grande acontecimento. Quando terminar a guerra, se é que ainda vivo, poderei pensar novamente nos meus assuntos pessoais... Não desejava outra coisa senão sair de casa quanto antes e ir para o mais longe possível, preferindo, sobretudo, um hospital na linha de fogo”* (244).

E para a frente de batalha vai no ano seguinte (1915) como enfermeira voluntária. A sua tarefa principal consistirá em atender aos soldados feridos ou com doenças infecciosas, na zona da actual Checoslováquia, pertencente, então, ao exército austro-húngaro. São uns meses de entrega generosa e abnegada. Aqui passa por experiências de profundo humanismo no contacto com a morte dos soldados. É Edith que narra: *“Quando eu ordenei as poucas coisas que possuía o morto, reparei numa notita que havia na sua agenda. Era uma oração para pedir que lhe fosse conservada a vida. Esta oração tinha-lha dado a sua esposa. Isto partiu-me a alma. Compreendi, precisamente naquele momento, o que humanamente significava aquela morte”* (103).

O seu comportamento moral é irrepreensível, apesar dos perigos que não faltavam. Faz-se respeitar e respeita os outros.

Terminada a sua missão de enfermeira, retoma novamente os seus estudos e nos primeiros dias de Agosto de 1916 defende a sua tese de doutoramento sobre “A Empatia” na universidade de Friburgo, onde já se encontrava o seu mestre Husserl. Depois da brilhante defesa, qualificada *Summa cum laude*, o Mestre convidou-a para sua Assistente de cátedra. Isto supõe o reconhecimento público do valor intelectual da jovem fenomenóloga. Não foi fácil nem agradável o seu trabalho. Ele tinha um modo de trabalhar muito *sui generis*. Embora Husserl estivesse muito contente com o seu trabalho, Edith não o estava.

Perante esta situação, Edith encontra-se perante a alternativa: ou permanecer durante longos anos como “rapariga para tudo” ao serviço de Husserl, ou dedicar-se à docência em centros de ensino médio. Depois de dois anos de difícil trabalho, Edith abandona a colaboração.

Mas nestes dois anos, Edith continua a trabalhar com perseverança no seu próprio projecto, que é uma filosofia da pessoa. A preocupação de Edith não se centra só na difícil cooperação com Husserl e na luta por

perflar o seu próprio pensamento, mas na situação de guerra que se agrava cada vez mais. Conhecemos o que ela pensava sobre tudo isto pelas suas numerosas cartas que se conservaram. Nelas comenta os acontecimentos políticos do dia e, de passagem, formula também enunciados básicos sobre a nação e o Estado. Depois das vitórias alcançadas a Leste, a sua esperança é uma nova Europa central.

Quando em Fevereiro Edith vai a Breslau passar férias, leva consigo muito trabalho para fazer e “Os irmãos Karamazov” (1879/1880), o último romance de Dostoyevski. Este converte-se num livro favorito para Edith Stein, no qual ela procura consolação.

No seu caminho de aproximação ao Cristianismo, a dimensão religiosa e a força renovadora desse livro fala-lhe de uma maneira inteiramente nova. Edith no seu trabalho filosófico, – além de pensar nos acontecimentos políticos do dia e nas experiências da guerra – reflecte sobre o que é que move em geral os homens a agir e a acreditar no futuro. Interroga-se se a vida na sua totalidade terá algum sentido? Terá sentido a história?

Aqui se apresenta o fenómeno “religião”, como fonte importante de renovação e motivação humanas, que responde a perguntas acerca do sentido supremo. Descobre Santo Agostinho. Ingarden comunica-lhe: “*É impossível traçar uma doutrina acerca da pessoa sem entrar nas questões acerca de Deus, e é impossível entender o que é a história*” (20/2/1917).

Edith tem ainda questões por resolver: “*Eu não posso deixar de pensar que a história do mundo tem um sentido e que este sentido se impõe, embora não exista nenhum ser humano que possa marcar antecipadamente o caminho. Que margem fica livre em tudo isso para a intervenção do indivíduo? Essa é uma questão que já desde há muito tempo me perturba profundamente*” (6/7/1917).

Ela quer fazer alguma coisa pela filosofia. Neste tempo descobre a obra de Hedwig Conrad-Martius intitulada “Diálogo sobre a alma” e encontra orientações nela. Com esta teoria muito promissora sobre a alma, esclarecem-se algumas das questões acerca do psíquico que Edith Stein tinha ainda por resolver.

Agrava-se a situação da guerra e Adolfo Reinach é mobilizado para chefiar um batalhão de artilharia e enviado para a frente de batalha. Aí redige o manuscrito sobre “O absoluto”, que é o seu último trabalho filosófico. A 16 de Novembro Reinach perde a vida na Flandes. Quando

Edith lê no jornal a notícia da sua morte, não é capaz de se sobrepor e corre o risco de fracassar por causa das resistências. A força da sua vontade desmorona-se⁵. A dor pela morte de Reinach é a gota que enche o vaso e que origina o derramamento. No seu interior tudo está vazio⁶.

Edith encontra-se só⁷. Agora já não faz planos⁸. Não sabe o que vai ser dela para o futuro⁹. Viaja até Gotinga para assistir ao funeral de Reinach mas, sobre isto, ela nada nos conta. Os discípulos de Reinach puseram-se de acordo sobre a publicação de um volume dos seus escritos em homenagem ao defunto. Desta tarefa foi Edith incumbida.

A Sra. Reinach tenta levantar o ânimo de Edith. Envia-lhe os apontamentos do seu marido sobre as experiências limite e o seu último texto sobre “O absoluto”. Estes textos, em parte, foram escritos durante as pausas do combate, numa trincheira da frente. O seu autor talvez estivesse consciente de que seriam as últimas linhas que escrevia. Reinach estava persuadido do imprevisível que era o campo de batalha, mas, à vista da morte, não se sentia só e abandonado. Experimenta em si a certeza imediata de estar protegido de uma maneira suprema. Estas experiências deixam marcas profundas em Edith. “Gostei imenso de tudo isto”, escreve ela a Ingarden.

Edith “continua a ter um equilíbrio psíquico algo frágil” (12/2/1918), mas o vazio começa a dissipar-se.

Ela esforça-se, de modo constante, mas inutilmente, “por entender que papel desempenhamos nós os seres humanos, no acontecer do mundo”. Como seres humanos, vemo-nos forçados constantemente a actuar sem conhecer todas as razões, sem poder prever os resultados¹⁰.

⁵ A notícia apanha-a de surpresa e enche-a de fúria. A dor que se apodera dela parece que não tem limites. A morte de Reinach foi o desencadear duma crise “que já se vinha preparando desde há muito tempo” (XIV, 168), escreve Edith a Ingarden a 13 de Dezembro de 1925.

⁶ Roman Ingarden fez constar mais tarde: “Vi a reacção de Edith depois da morte de Reinach! Que horrível impressão lhe causou a sua morte! Penso que aquilo foi o desencadear de certas transformações que depois se consumaram nela”.

⁷ Como ela própria diz: “não tem ninguém no mundo... que tenha a vontade e o poder... de a aconselhar e... ajudá-la” (XIII, 193).

⁸ “deixa todo o futuro nas mãos da vontade divina”, “abandona-se por completo ao destino” (B 76).

⁹ “...diante de nós parece abrir-se um abismo e a vida desgarra implacavelmente o nosso interior” (XIII, 195).

¹⁰ “Nós originamos os acontecimentos e carregamos com a responsabilidade deles. E, contudo, não sabemos no fundo o que fazemos, e não podemos deter a história do mundo, embora fracássemos nela” (XIV, 68).

Edith chega à conclusão de que a vida, como totalidade, tem um sentido. Sem esta convicção não poderíamos agir. Parece que, em tudo o que fazemos, somos guiados sempre por uma antecipação de sentido e esperança, que não é produto das nossas acções, mas que constitui já o fundo das mesmas. Edith vai-se abrindo à religião. Religião e história aproximam-se¹¹.

A fins de Março e começo da Semana Santa, Edith viaja para Gotinga, onde se encontra um pouco como em casa, no dizer dela. Aqui não só encontra Ana Reinach, mas também Paulina, irmã do filósofo, uma mulher em quem ela já se tinha fixado durante o seu estudo universitário. Edith ficou hospedada na casa dos Reinach, e podemos supor que, na Sexta-feira Santa assistiu, na Igreja de Santo Albano, ao baptizado de Paulina Reinach, a irmã de Adolfo. Conforme consta no registo paroquial da Igreja Evangélica de Gotinga, Ana Reinach e Erika Gothe foram as madrinhas.

Juntamente com Ana Reinach, Edith começou a examinar os escritos legados por Adolfo Reinach. Um volume do Anuário devia publicar-se como homenagem a ele, coisa que não veio a acontecer por diversas razões. Edith encarregou-se também de preparar para a imprensa o manuscrito com as anotações de Reinach sobre o seu último seminário, que tratava acerca de “O problema do movimento”.

Edith sentia-se impressionada, não tanto por tudo o que era filosofia, quanto pela pessoa de Ana. Edith estava paralisada pelo sofrimento. Tudo lhe parecia estéril e vazio. A existência humana seria um ser incompreensível, uma nulidade arremessada ao mundo, e o único conhecimento adequado de si mesmo seria o desespero? Talvez seja esta a reacção mais natural para o ser humano deixado à mercê de si mesmo. Mas Edith observa a jovem viúva e vê como ela tinha encontrado consolação e novo vigor para viver a fé no Crucificado e Ressuscitado; no seu olhar dirigido ao Pai tinha suportado essa noite da impotência.

Por meio desta mulher, Edith faz a experiência de que o ser humano se encontra ancorado – como dirá ela mais tarde – num amor universal, que se manifesta precisamente na experiência de uma perda. Pois, precisamente,

¹¹ Ela escreve a Ingarden nestes termos: “A religião e a história vão-se aproximando cada vez mais, e parece-me que os cronistas medievais que inserem a história do mundo entre a queda no pecado e o juízo universal, eram mais inteligentes que os modernos especialistas, que, ao considerarem os factos comprovados de uma maneira cientificamente irrepreensível, se lhes escapou o sentido da história” (19/2/1918).

quando perdemos tudo o que fizemos e tudo o que dominamos, então se manifesta imediatamente aquilo que realmente nos sustenta¹².

Consequências da guerra

Entretanto Edith aguarda o fim trágico da guerra. A situação interna e externa faz pressentir o total derrubamento da Alemanha. Ela sente o que sentiam todos os alemães e pensa na terrível matança de judeus em Lemberg. Está convencida de que o velho sistema político está antiquado e passa à acção. Friedrich Nauman tinha fundado o “Partido Democrático Alemão”, de orientação liberal e Edith filia-se nele bem como a sua família, e mete-se até ao pescoço na política. Quer trabalhar juntamente com as mulheres e com os jovens. Quer traduzir em realidade prática os ideais “sem os quais descarrilaremos irremediavelmente”. Foi várias vezes a Berlim, onde a princípio de Janeiro de 1919 vive de perto as lutas nas barricadas levantadas pelo “Partido Comunista da Alemanha” e os seus adeptos.

Apesar da grande influência que Edith estava a ter no partido, reconhece bem depressa que não está no lugar apropriado. Além da actividade política ela continua no seu estudo filosófico. Quando se constituiu a assembleia nacional de Weimar, Edith decidiu dar um novo passo na sua profissão: concorrer a uma cátedra universitária, embora a tarefa não fosse nada fácil.

Apesar de todas as diligências feitas, Edith não consegue realizar o seu desejo. Contudo, não desanima por tal fracasso. Até então tinha dado lições privadas de introdução à fenomenologia para particulares interessados, agora pensa criar na sua casa, à sua volta, uma academia privada. Embora não se tenha feito nenhuma publicidade, acodem a sua casa mais de trezentos ouvintes. Edith começa as aulas na sua academia doméstica durante o semestre de Verão de 1920 e, além disso, dá um curso sobre questões éticas fundamentais na nova universidade popular de Breslau. Por este motivo decide fixar residência em Breslau.

¹² Edith Stein, pouco antes da sua morte, disse ao professor Hirschmann SJ no locutório do Carmelo de Echt “que o motivo decisivo para a sua conversão ao Cristianismo tinha sido a forma como a sua amiga, a Sra. Reinach, graças à força que lhe tinha dado o mistério da Cruz, fora capaz de oferecer o sacrifício que se lhe tinha imposto com a morte do seu marido na frente durante a Primeira Guerra Mundial” (ESTA; E I 142).

Em Março de 1921, Edith vai a Gotinga, uma vez que aparece o registo na polícia no dia 22. Vive com a família Courant. No ano anterior já tinha conhecido em Gotinga Hedwig Conrad-Martius, que queria escrever a introdução ao volume de homenagem a Reinach. Para Edith foi uma grande alegria conhecer esta discípula de Husserl.

A 25 de Maio de 1921 Edith encontra-se hospedada em casa do Dr. Conrad. Edith recebe sugestões filosóficas da animada conversa intelectual que é possível ali, e de que ela tanto sentia em falta em Breslau. Por outro lado, Hedwig Conrad-Martius necessita urgentemente de ajuda para trabalhar no campo de árvores de fruto, de cujo produto vive o casal. Edith faz questão de os ajudar neste trabalho¹³.

Numa destas épocas de férias, ambos os esposos tiveram que se ausentar. Antes de partir, a senhora Conrad-Martius levou a sua amiga ao armário dos livros e sugeriu-lhe que escolhesse o que quisesse. “Todos estão à sua disposição”.

Edith refere: “Agarrei ao acaso e tirei um volumoso livro. Tinha como título “Vida de Santa Teresa de Ávila”, escrita por ela mesma. Comecei a ler, e fiquei a tal ponto presa que não o deixei até ao fim. Ao fechar o livro, disse para mim: «isto é a verdade!»”.

Amanhecia o dia, coisa de que Edith não se tinha apercebido.

Depois da conversão

Descoberta a verdade, Edith adere a ela sem reservas. Compra um catecismo católico para se instruir e um missal para seguir a liturgia da missa. Neles estudou até chegar a assimilar todo o conteúdo. Só depois é que se abeirou da Igreja paroquial de Bergzabern, para participar na Eucaristia. Depois desta dirigiu-se para a Igreja paroquial e pediu o Baptismo, coisa que veio a acontecer no primeiro dia do ano de 1922. E no baptismo tomou o nome de Edith Teresa Hedwig. Hedwig em honra de

¹³ Sobre este tempo passado em comum em Bad Bergzabern, escreve Hedwig Conrad-Martius: “As duas encontrávamo-nos numa crise religiosa. As duas estávamos a passar, muito juntas, por uma via estreita, aguardando ambas, a todo o momento, o chamamento divino. Esse chamamento chegou mas conduziu-nos confessionalmente em direcções diferentes. Aqui tratava-se de decisões nas quais a suprema liberdade do homem, pela qual este na criação foi enobrecido como pessoa, se entrelaça – íntima e inconfundivelmente aos olhos humanos – com a vocação de Deus a que uma pessoa há-de obedecer. Mas não havia maneira de iludir tal chamamento”.

quem foi sua madrinha e amiga, e Teresa porque tinha sido em Santa Teresa que Ela descobrira o incentivo último que a levava a tomar a decisão mais importante da sua vida.

Edith quer entregar-se totalmente ao Senhor e concretamente no Carmelo, mas o cônego Schwind, com quem se encontrou em Espira aquando do Sacramento da Confirmação (2 de Fevereiro de 1922), demoveu-a da sua decisão. Deus ensinara-o a guiar pelos caminhos da prudência o zelo ardente de Teresa e a preservá-la de cair em excessos.

Edith vai entendendo a vida cristã à medida que a graça a vai transformando. Ela própria tem consciência desta mudança¹⁴.

O seu director espiritual ao fechar-lhe uma porta abriu-lhe outra. Schwind bem depressa se deu conta dos talentos de que Edith estava adornada e aconselhou-a a não prosseguir a sua procura religiosa num convento, mas a colocar as suas faculdades ao serviço da transformação do mundo católico na nova Alemanha. Ofereceu-se com gosto para lhe procurar um lugar tranquilo e seguro no âmbito claustral onde poderia entregar-se sem nenhum estorvo aos seus trabalhos científicos e atender ao desenvolvimento da sua vida espiritual.

Esse lugar encontrou-o ele na Escola do Mosteiro de Santa Madalena das Irmãs Dominicanas de Espira. Ele próprio a levou ali em Abril de 1923.

Espira: 1923-1931

Edith Stein, a partir do novo ano académico que começava na Páscoa de 1923, podia desempenhar com plena dedicação um cargo de professora de língua alemã e de história na escola de magistério do Palatinado, regida pelas religiosas dominicanas. O próprio Schwind tinha sido professor, neste centro, de literatura alemã. Sabia que as irmãs tinham escassez de pessoal, já que o corpo docente era integrado quase exclusivamente por religiosas. Por este motivo recomendou-a à superiora Geral.

¹⁴ Assim deixou escrito numa carta: “No momento da minha conversão e durante longo tempo depois, eu pensava que viver uma vida religiosa significava abandonar tudo o que era terreno e viver somente com o pensamento nas realidades divinas. Progressivamente aprendi a reconhecer que algo mais nos é pedido neste mundo e que até mesmo na vida contemplativa, a ligação com o mundo não se deve cortar. Eu creio até, que quanto mais profunda é a atracção que nos conduz a Deus, maior é o dever de ‘sair de si’, neste sentido também, ou seja em direcção ao mundo para levar ali a vida divina” (Cta 12-II-1928).

Edith recebeu a notícia com imensa alegria. Pode ali viver a vida de todos os dias num ambiente calmo e sereno, pautado por normas religiosas. Além disso traz-lhe segurança financeira numa época em que a inflação tinha alcançado na Alemanha o seu valor mais alto. Edith vai receber o ordenado mensal determinado pelo Estado.

Quando Edith Stein iniciou o seu trabalho docente, Santa Madalena era já uma instituição muito prestigiada para a formação de mulheres. Ela era a única professora a tempo pleno que não era freira. Na medida do possível conjuga o seu ritmo religioso com o das religiosas. Fica hospedada no convento, na zona da portaria. Pouco a pouco vai-se sentindo como na sua própria casa. A comida recebe-a da cozinha do convento.

Edith, além das aulas, acompanha muito de perto as alunas, que muito a admiram, principalmente as mais carentes em todo o sentido. Ela é de facto para todas as raparigas que o desejem uma mestra em assuntos de vida espiritual. Há cartas que se conservam que assim o atestam.

Edith tradutora

No meio da sua actividade docente, Edith Stein sentia “a necessidade de fazer nos seus momentos livres algo que não tivesse nada a ver com a docência”. Começa a traduzir do inglês para o alemão as quinze lições de John Henry Newman – mais de trezentas páginas – sobre a “Ideia da universidade”. Além desta obra, traduz também as cartas e os diários de Newman até à sua conversão, em que ele vai dando conta do seu caminho.

Este trabalho de tradução que Edith está a fazer desperta nela o desejo de se dedicar novamente ao trabalho científico. Erich Przywara anima-a a fazê-lo pois vê que Edith é mulher capaz de “conjugar toda a profundidade da Escolástica clássica com a vida intelectual actual”. Mas Edith vê com clareza que neste momento não pode renunciar ao seu compromisso de professora na escola normal de professoras; contudo, propõe uma redução das suas actividades docentes, e a direcção do centro, porque a queria ter como professora, acede ao seu pedido. Portanto, pode começar, a partir de Julho de 1926, o trabalho de conjugar a fenomenologia e o Catolicismo, como pretendia fazer sob a direcção de Max Scheler. Esta orientação do filosofar abriu decididamente o caminho para o Concílio Vaticano II¹⁵.

¹⁵ Esta orientação inclui pela parte católica nomes tão ilustres como Erich Przywara, Karl Rahner, Max Müller, Gustav Siewerth, Bernhard Welte, José Pieper, Jacques Maritain, Martin Grabmann e muitos outros; e,

Uma vez que a Igreja Católica, desde 1879, tinha tomado a filosofia de São Tomás como a escola oficial do pensamento da sua teologia, apresentava-se a Edith “um confronto entre a filosofia católica tradicional e a filosofia moderna” (XIV, 159), ou seja, a fenomenologia. Também a celebração do quinto centenário de São Tomás, em 1924, ajudou a isto. Com este fim tinha que olhar com olhos críticos a fenomenologia. Por outro lado, a teologia escolástica católica do “Neotomismo” não devia constituir o ponto de partida, mas sim o próprio São Tomás com a ajuda da sua obra principal “De veritate”, que Edith traduziu do latim para o alemão.

Edith conferencista

A partir de 1926 começam a chegar os primeiros pedidos de conferências. Não os podia nem queria rejeitar todos. No programa de aperfeiçoamento da formação de professores e professoras bávaros, em 1926, Edith pronuncia uma conferência durante o Outono. Com isto começa a sua actividade pública como conferencista. Durante os anos sucessivos até 1932, pronunciará mais de trinta conferências em muitas cidades. Entre elas encontram-se Aquisgrán, Augsburg, Bendorf, Berlim, Essem, Heidelberg, Ludwigshafen, Munster, Munique, Paris, Salzburgo, Espira, Viena e Zurique. Os temas são: pedagogia, educação e ensino escolar; questões sobre a mulher e sobre problemas filosóficos. Estas conferências fazem com que Edith Stein se torne conhecida como uma leiga católica no âmbito da língua alemã.

A “carreira” de Edith Stein como conferencista de fama começa com a sua lição pública sobre a “Verdade e claridade” que, a convite da “Associação de professores católicos da Baviera”, pronunciou no dia 11 de Setembro de 1926 em Espira e no dia seguinte em Kaiserslautern. Em 1927 Edith toma a decisão de se tornar membro da “Associação de professoras católicas da Baviera”, denominada mais tarde: “Associação de professoras alemãs católicas”.

A 17 de Setembro de 1929, a morte do seu amigo e director espiritual afectou-a profundamente. Teve que se adaptar ao jovem abade de Beuron.

por outro lado, compreende também pensadores como Nicolau Hartmann, Max Scheler e principalmente Martin Heidegger. Edith Stein, pouco depois da sua conversão – quando se reunia “ocasionalmente com pessoas de formação escolástica” – deu-se conta rapidamente de que a deficiência do método fenomenológico era a falta de uma base conceptual precisa e bem estruturada” (XIV, 149; 1/8/1922).

Bem depressa se notou que Rafael e Edith eram duas almas gémeas. Ele que a atendeu espiritualmente durante anos, não só via nela aquilo que a todos saltava à vista: uma mulher que passava horas inteiras em silêncio e oração, mas também a sua personalidade interior: *“Raras vezes encontrei uma alma que reunisse em si tantas e tão excelentes qualidades. Mas era a simplicidade e a naturalidade em pessoa. Continuava a ser muito feminina, cheia de ternura, mais ainda, de sentimentos maternos, mas sem que por isso pretendesse condicionar ninguém. Tinha graças místicas, no sentido literal da palavra, mas jamais deu mostras de se sentir superior ou de ir por caminhos especiais. Era simples com as pessoas simples, sábia com as pessoas sábias, sem nenhuma arrogância, e com as pessoas que a procuravam, também ela se manifesta como quem andava à procura; quase me atreveria a dizer que com os pecadores era como mais uma pecadora”* (ESTA; G I 19 W).

Porque reconhece Edith como “uma das mulheres do nosso tempo”, aconselha-a a continuar a trabalhar, não só no ensino e nas traduções, mas também no trabalho de investigação que se estava a realizar naqueles tempos. Por este motivo não era do parecer que se isolasse e, menos ainda, entrasse num convento. Uma mulher leiga como ela, com tão boa formação académica, não só devia ensinar teoricamente, mas devia mostrar como se deve viver exemplarmente na prática.

No ano de 1928 o *numerus clausus* de candidatas ao magistério foi suprimido e o número de alunas aumentou rapidamente. Foi certamente isto que contribuiu para que mais tarde, Edith abandonasse a actividade docente. O volume de trabalho aumentava consideravelmente.

O ano de 1929 ficou marcado pelas grandes perturbações económicas e pela radicalização das forças políticas que fez com que Hitler tomasse conta do poder. Edith Stein iniciou esse ano com a conferência sobre “Os tipos em psicologia e a sua significação para a pedagogia” que ela pronunciou para as jovens professoras da Baviera.

Uma vez que a Igreja se encontrava ameaçada pelo regime político de então, o ano de 1930 trouxe para Edith uma carga ainda maior de obrigações que estão para além da docência quotidiana. Na semana da Páscoa (24 de Abril) pronunciou em Nuremberg, por ocasião da Assembleia-geral da “Associação de professoras católicas”, a conferência que tinha por tema: “Bases teóricas da tarefa de educação social”. Nela põe em relevo as anteriores exposições sobre “O indivíduo e a sociedade”

com um ideal teológico e uma crítica dos tempos. Edith procura um caminho intermédio entre o individualismo, que destrói a comunidade, e as aspirações de um socialismo que degrada o homem à condição de um ser massificado ao serviço de fins igualitários. Para ela tanto o indivíduo como a comunidade não são nunca algo acabado. Sempre se encontram em devir, em desenvolvimento. O homem é um ser singularíssimo enquanto é indivíduo (este homem) e, ao mesmo tempo, é um ser comunitário, encontra-se sempre em relação com os outros. Aquilo que o homem pode ser, não se dá em plenitude e em pureza, mas é mediado historicamente por meio da raça, a nação, o nível social, a família, etc. O homem nunca é tudo aquilo que pode ser, mas unicamente o que de seu ser se mostrar no seu tempo.

Em 1930, a vida eclesial e cultural em Espira desenvolve-se totalmente tendo como centro o nono centenário do começo da construção da catedral desta cidade, e do Congresso eucarístico que teve lugar por este motivo. Edith também participou activamente, falando à “Associação de mães” sobre a “Educação eucarística” e a prática da comunhão diária que ainda não se encontrava muito estendida. Edith, com as suas palavras, animou as mães para que fossem também modelos na vida religiosa.

No dia 1 de Setembro, Edith Stein despertou um grande eco na opinião pública com a sua conferência “O *Ethos* das profissões das mulheres”, conferência pronunciada durante a reunião da “Associação de académicos católicos”. O tema geral da reunião era “Cristo e o *ethos* profissional do homem moderno”. Esta reunião seria o começo em 1931 das “Semanas universitárias de Salzburgo”. Entre os numerosos conferencistas encontra-se uma única mulher que é Edith Stein. Originalmente ela devia expor a conferência fundamental “*Ethos* Profissional cristão”, e aceitou precisamente por isso, mas mais tarde preferiu um tema feminino.

Quase todos os diários alemães e austríacos, assim como as publicações periódicas da Igreja e as revistas destes países, informaram sobre esta reunião. A conferência de Edith Stein foi muito bem acolhida.

A crise económica mundial fazia sentir também os seus efeitos na Alemanha. A finais de Fevereiro de 1930 havia três milhões de desempregados, e este número ia crescendo constantemente, de tal maneira que os postos de trabalho encontravam-se ameaçados. As tensões sociais foram-se intensificando.

Edith Stein, durante esta época, continuou a pronunciar as suas conferências. A primeira a 18 de Outubro “Sobre a ideia da formação”, para a “Associação de professoras católicas”, em Espira; uma outra a 8 de Novembro sobre os “Fundamentos da educação da mulher” e finalmente, outra na universidade de Heidelberg, a 2 de Dezembro, sobre o tema: “O intelecto e os intelectuais”, na qual recordava aos intelectuais qual era a sua responsabilidade social.

Pouco depois de regressar a Espira, Edith começa a trabalhar no seu novo estudo científico. Bem depressa apareceu o trabalho, bastante extenso, que tinha por título “Potência e Acto”. Para que este trabalho pudesse ser realidade, Edith conversou com a superiora geral das dominicanas pedindo a redução de horas de trabalho, mas cedo se convenceu de que o melhor era abandonar por completo este centro de ensino.

Como o ano escolar começava e terminava na Páscoa, logo que esta festividade chegou, Edith despediu-se de Santa Madalena e, com isso deu por concluída uma fase da sua vida. Estamos no ano de 1931. As conferências sucedem-se e com os seus honorários, juntamente com a bolsa de que começou a usufruir em Setembro, Edith tem o suficiente para viver.

Conferencista por todos os países de língua alemã

A partir do momento em que Edith se despede de Santa Madalena, começou um ano de incessantes viagens com numerosas conferências que ia pronunciando por muitas cidades alemãs. Nesta época Edith encontra-se sobrecarregada de trabalho. A sua responsabilidade era muito grande: tinha que falar a um público muito variado e a um Catolicismo com as mais diversas tendências, desde a posição liberal até à mais rigorosamente conservadora.

Logo em Janeiro de 1931, a central das “Jovens professoras católicas da Baviera”, com sede em Munich, anunciou a celebração da sua magna reunião que teria lugar na Páscoa, de 7 a 11 de Abril. No dia 8 de Abril Edith Stein pronunciou a sua conferência sobre “O destino da mulher”. Aqui conheceu o cardeal Faulhaber e a grande escritora Gertrud von Le Fort (1876-1971) de quem se tornou amiga a qual, por sugestão de Edith, escreveu a obra sobre o Carmelo que tem por título “A última no patíbulo”.

A partir de 14 de Abril, Edith volta para Breslau com o fim de trabalhar na sua tese de candidatura à cátedra, e pelo momento quer ficar

nesta cidade. Entretanto recebeu um convite para ocupar a cátedra de psicologia na “Academia de Pedagogia” de Spandau, o que não veio a acontecer devido à crise económica que se abateu sobre esta academia.

Edith Stein passa o resto do ano totalmente dedicada ao trabalho da candidatura à cátedra e de Santa Isabel de Turíngia. Precisamente a conferência feita por Edith em Viena de Áustria, por ocasião do “Terceiro Congresso das mulheres Austríacas” é dedicada a “Isabel de Turíngia. O natural e o sobrenatural na formação de uma pessoa santa”. Esta é uma das doze conferências que Edith pronunciou no ano de 1931 por ocasião do 750º aniversário da morte de Santa Isabel de Turíngia.

O eco que o Congresso de mulheres de Viena suscitou nos jornais, excedeu em muito a ressonância despertada pela Assembleia de Salzburgo. A esta conferência seguiram-se outras, no Outono, encomendadas pela Associação de académicos e por influência de Przwara. Trata-se de um ciclo de conferências (de 12 a 30 de Outubro de 1931) por quinze cidades da região do Ruhr (Aquisgrán, Bona, Colónia, Münster e Essen).

Mas o que mais interessava a Edith era conseguir um lugar de professora no Instituto Pedagógico de Münster. O professor Johann Peter Steffes, catedrático numerário da Faculdade de teologia da universidade daquela cidade e director do “Instituto alemão de pedagogia científica”, e sobretudo Maria Schmitz, presidente da “Associação de professoras alemãs católicas”, queriam ter Edith Stein em Münster. Isto foi para Edith de uma alegria inesperada, porque quando viajou de Bona para Friburgo com a finalidade de esclarecer a questão da obtenção de uma cátedra, viu recusados os seus desejos devido à situação económica geral.

Professora em Münster (1932-1933)

A 29 de Fevereiro de 1932 começa para Edith uma nova fase da sua vida. É nomeada professora, não titular, no “Instituto de pedagogia científica” de Münster. Trata-se duma fase muito breve, mas novamente carregada de trabalho. Edith tem que se abrir a um novo e extenso campo de temas, e deve estudar a mais recente bibliografia sobre pedagogia, psicologia e filosofia para dar as suas aulas. Este Instituto tinha sido criado em 1922 pela “Associação de professoras alemãs católicas” e pela “União de professores católicos de Alemanha”, com a colaboração dos bispos alemães e inscrito como associação no registo de Münster. Era necessário

dar às professoras e professores católicos, uma formação adequada aos tempos devido às mudanças experimentadas naquela sociedade depois da Primeira Guerra Mundial. Dava-se grande importância aos chamados “Cursos para dirigentes”, dos quais Edith Stein fala também em algumas ocasiões. A finalidade era proporcionar a homens e mulheres, principalmente com formação académica, os estudos complementares de carácter religioso, filosófico, pedagógico e político, que os capacitassem para assumir cargos de responsabilidade na vida pública.

Aqui, em Münster, Edith ficou hospedada, juntamente com 10 raparigas estudantes, no chamado “Collegium Marianum”, que tinha sido fundado já nos finais do século XIX para religiosas que cursavam estudos superiores.

Antes de começar o semestre, Edith viajou a Munique. Na Rádio da Baviera, no dia 1 de Abril, falou, na “Hora da mulher”, acerca de “Questões sobre a arte educativa maternal”, e no dia 3 de Abril, para um grupo de mulheres jovens, da “Associação de mulheres católicas”, falou numa conferência sobre “A situação intelectual da mulher na actualidade”.

Durante o primeiro semestre em Münster, Edith Stein deu aulas sobre “Problemas da moderna educação das raparigas”. Aconteceu durante quinze dias, sempre ao Sábado, das 18.30 às 20.00 horas. Edith escolheu esta hora tardia para que pudessem assistir também algumas pessoas que desempenhavam actividades docentes. A problemática tratada por Edith nas suas conferências andava à volta das grandes questões contemporâneas no que respeita à profissão e à vocação da mulher. Fala do matrimónio e da maternidade, da profissão exercida fora do lar, assim como das relações da mulher com o conjunto da nação e com a política. A questão da eternidade também não faltava.

Durante este mesmo semestre Edith Stein prossegue a sua incansável actividade de conferencista. São principalmente as associações de estudantes católicos que solicitam a sua palavra esclarecedora.

Imediatamente depois de terminado o semestre, Edith viajou para Augsburg, onde teve que falar na Assembleia de mulheres dirigentes sobre “A tarefa da mulher como dirigente da juventude na Igreja”. Noutras conferências sobre temas da mulher, Edith fala também sobre “A mulher na Igreja”.

Na reunião celebrada em Augsburg, Edith Stein, na sua conferência de 25 de Julho de 1932, animou as “dirigentes” a incluir nos grupos de formação as crianças em idade escolar. A educação para a Igreja começa

tarde demais, quando esta se inicia tão só durante os anos da puberdade, com todas as crises que esta idade leva consigo. Fala depois de maneira muito concreta sobre a “educação sexual”, que as mães são chamadas a proporcionar, mas que poucas são capazes de fazer. O sacerdote, por ser do sexo masculino, é também raras vezes o interlocutor apropriado para falar acerca destes problemas. Por conseguinte, a dirigente de jovens deve estar capacitada para os esclarecer de maneira objectiva e muito discreta, neste difícil terreno.

Pouco antes de se celebrarem as sextas eleições nacionais, convocadas para fins de Julho produziram-se graves alterações da ordem pública noutras partes, e houve lutas e confrontos nas aulas e na rua.

Entretanto o número dos desempregados já se tinha elevado a mais de seis milhões de pessoas. A propaganda dos radicais aproveitava este empobrecimento para concentrar todas as esperanças de futuro nas soluções antidemocráticas patrocinadas por eles. Multidões de pessoas clamavam pelo *Führer*. Nas eleições nacionais de 31 de Julho de 1932, o Partido Nacional-socialista duplicou o número de votos até chegar aos 37,2%.

O projecto mais importante em 1932 para Edith Stein foi, provavelmente, a reunião da “Sociedade Tomista” em Juvisy, perto de Paris. Ela foi a única mulher a ser convidada pessoalmente a assistir a esta reunião, juntamente com outros cinco alemães. A reunião teve lugar no dia 12 de Setembro no grande centro de estudos dos dominicanos. A informação acerca da reunião, juntamente com as actas dos debates, foi publicada pelas *Edições du Cerf*. Aqui encontramos também as contribuições, muito, de Edith Stein. Em cinco intervenções ela respondeu, deu o seu parecer principalmente sobre questões relativas à fenomenologia ou ao método fenomenológico. A 17 de Setembro viajou de Paris para Colónia, onde visitou uns amigos e, no dia seguinte, regressou a Münster.

Começa então a preparar as aulas de Inverno que devia dar sobre antropologia filosófica de Novembro de 1932 até Março de 1933. Este acto docente seria a sua última aula académica. Precipitaram-se os acontecimentos políticos. No dia 30 de Janeiro, Hitler conseguiu “subir ao poder”. No dia 1 de Fevereiro foi dissolvido novamente o parlamento, já que os partidos de direita prometiam obter a maioria absoluta numas novas eleições, marcadas para 5 de Março, o que não veio a acontecer. A ditadura de Hitler começa a impor rigorosas limitações à liberdade de imprensa e de opinião. Imediatamente aparecem as proibições de jornais e de

reuniões. Começaram as perseguições políticas, as detenções e a abertura dos primeiros campos de concentração. No dia 1 de Abril alguns órgãos estatais realizam a sua primeira tentativa de boicotar os comerciantes judeus e os profissionais que desempenham actividades autónomas, como sejam os médicos e os advogados. Pinta-se a estrela judia nas montras e são ameaçados os proprietários desses comércio e os clientes que queiram comprar neles. Também o armazém dos Stein em Breslau foi afectado por este boicote. Mediante a “Lei para a restauração dos funcionários profissionais”, de 7 de Abril, muitos funcionários – entre eles, muitos judeus precisamente – que politicamente não eram considerados dignos de confiança, perdem o seu emprego. O professor Koebner, amigo da família Stein, e médico chefe do departamento de dermatologia de um hospital municipal, é despedido. O mesmo acontece a outros muitos.

Nesta altura Edith Stein tomou a decisão de solicitar da Santa Sé uma audiência privada. Para este fim, a 7 de Abril, encaminha-se para Beuron a fim de se encontrar com o abade mitrado Walzer. Não conseguindo que o Papa Pio XI a recebesse em audiência privada, dali mesmo escreve-lhe uma carta. Precisamente então começavam as negociações do Vaticano com o governo alemão para a assinatura de um acordo que garantisse os direitos da Igreja católica na Alemanha.

Na sua carta Edith Stein solicitava uma encíclica pontificia para a protecção dos judeus, e chamava também a atenção sobre os perigos que existiam para os católicos. Desiludida, escreve Edith nos seus apontamentos intitulados “Quando cheguei ao Carmelo de Colónia”: “Algum tempo depois recebi uma bênção para mim e para os meus familiares. Nada mais consegui”.

E continua: “Não sei se o Papa Pio XI terá tido em consideração alguma vez aquilo que eu lhe dizia na carta. Porque durante os anos seguintes se foi cumprindo passo a passo o que eu tinha predito acerca do futuro dos católicos na Alemanha”.

A caminho da Noite escura

Perante a situação política que vive a Alemanha, Edith Stein teve uma conversa com o director do “Instituto de pedagogia científica” de Münster. Dessa conversa Edith tirou a seguinte conclusão: “Se as coisas não mudam, então não existe já nenhuma possibilidade para mim na Alemanha”.

Muitos dos seus amigos judeus encontravam-se na mesma situação. Onde poderia ela encontrar trabalho, se numa instituição católica como o Instituto científico-pedagógico não havia já nenhum lugar para ela? Em todas as partes encontrava as mesmas reservas e temores.

Se para ela já não há possibilidades na Alemanha terá então que emigrar. Esta foi a decisão que muitas famílias judias tomaram depois de Hitler ter tomado o poder. Edith já tinha recebido uma oferta de trabalho de um colégio da América do Sul. Mas, como já tinham feito outros, decidiu permanecer da Alemanha, mesmo naqueles dias difíceis. Durante os onze dias transcorridos entre o ficar sem trabalho e a decisão definitiva sobre qual seria o caminho futuro da sua vida, Edith reflectiu com certeza muito intensamente sobre se esta situação adversa não seria talvez uma indicação ou até uma manifestação clara da vontade de Deus: deveria pôr agora em prática o seu desejo, acariciado já desde 1921, de ingressar no Carmelo?

Edith Stein, desde a sua conversão, tinha vivido sempre momentos de oração intensos na sua vida pública. A impossibilidade da sua actividade pública na Alemanha seria efectivamente uma indicação divina de que ela devia submergir-se agora plenamente na oração, intercedendo diante de Deus em favor dos outros? Seria este o caminho pelo qual ela agora, numa situação sem saída, poderia permanecer fiel a si mesma?

A 30 de Abril de 1933, festa de São Ludgero, padroeiro de Münster, Edith passa o dia todo diante do Santíssimo exposto. Ela queria ter ideias claras sobre qual deveria ser o caminho da sua vida. Veio-lhe, então, à memória o dia do seu baptismo. Naquele dia Edith tinha esperado que o baptismo fosse o primeiro passo que a conduzisse até à entrada na Ordem das Carmelitas Descalças.

Naquele entardecer do dia de oração na Igreja de São Ludgero, Edith tomou a decisão de solicitar a sua entrada no Carmelo. “Quando se deu a bênção com o Santíssimo, escreve ela, então recebi o ‘sim’ de confirmação do Bom Pastor”.

Depois de ter o consentimento, Edith começa a dar os primeiros passos para o seu ingresso na Ordem do Carmelo. Mas ela estava consciente dos obstáculos à sua entrada: a sua idade – estava prestes a fazer 42 anos –, talvez a sua condição de convertida do judaísmo, mas principalmente a sua formação filosófica e as suas actividades públicas. Consciente desta situação, Edith pede a colaboração duma sua conhecida, Sra. Dra. Isabel

Cosack, que tinha uma amiga no Carmelo de Colónia. No dia 21 de Maio de 1933, Domingo, as duas visitaram o Carmelo de Colónia-Lindenthal. O encontro foi animador, uma vez que este Carmelo estava a projectar uma nova fundação. Mas as coisas não correram assim tão depressa como as interessadas desejavam.

Cumpridos os requisitos e feitas as diligências necessárias, Edith Stein apresenta-se no Carmelo de Colónia a 18 de Junho de 1933, para ser conhecida pelo capítulo das religiosas. Neste mesmo dia foi-lhe dito que não podia prosseguir o seu trabalho científico e apresentado o projecto de vida do Carmelo.

No dia seguinte, Edith recebe em Münster um telegrama em que lhe é comunicado o resultado da votação: “Gozoso assentimento. Saudações: Carmelo”. Desta maneira Edith Stein estava admitida pelo Carmelo de Colónia como postulante.

Não sabemos qual foi a razão que a levou a escolher o Carmelo de Colónia. Sabemos com certeza que Edith conhecia este Carmelo através de uma convertida do judaísmo, que a tinha preparado a ela para o baptismo.

Este Carmelo de Colónia era o mais antigo da Alemanha. Naquela altura contava com uma agitada história com duas interrupções na sua existência. Em Novembro de 1637 chegavam as duas primeiras Carmelitas Descalças a Colónia: a Madre Teresa de Jesus vinda de um convento de Bruxelas, e a Madre Isabel do Espírito Santo do Carmelo de Amberes. Estes dois conventos foram fundados por religiosas espanholas, que tinham sido discípulas e noviças de Santa Teresa de Jesus. Por isto mesmo, o Carmelo de Colónia considerava-se sucessor directo da grande doutora da Igreja.

Esta primeira fundação ficava situada na parte velha da cidade e dentro do recinto amuralhado; albergava como preciosos tesouros uma estátua de Maria, que a ex-rainha Maria de Médicis, falecida em Colónia, tinha deixado às Carmelitas. Em plena guerra dos Trinta Anos, a superiora Madre Isabel dera a esta imagem o nome de “Maria Regina Pacis”. No meio dos horrores daquela guerra o anelo daquelas gentes era a paz – a “paz das armas e a paz dos corações” –, como se dizia numa oração. Bem depressa se começou a venerar esta imagem de Nossa Senhora das irmãs Carmelitas como imagem milagrosa.

Quando em 1802 as irmãs tiveram que abandonar o convento devido à secularização, esta imagem permaneceu na Igreja. Não podiam receber

noviças e as religiosas tiveram que se retirar para uma casa particular na paróquia de Santa Colomba. Só em 1845 é que as Carmelitas voltaram a Colónia, não ao seu antigo convento que entretanto se tinha convertido em paróquia, mas a um novo convento junto à Igreja românica de São Gedeão. Estas Carmelitas vieram de Liège. Em 1875, devido ao conflito entre a Igreja e o Estado, foram novamente expulsas. Como a comunidade era jovem, não estava disposta a extinguir-se e decidiu então retirar-se para os Países Baixos onde edificaram um novo convento, em Echt.

Como os cristãos de Colónia não aceitaram a ideia de que desaparecesse o Carmelo, o Estado teve que revogar a decisão e, em 1896, parte das religiosas emigradas regressaram novamente à cidade, não para o convento situado perto de São Gedeão, uma vez que tinha sido vendido. As Carmelitas estabeleceram-se provisoriamente numa vivenda arrendada, até que surgiu o terceiro Carmelo de Colónia, onde ingressou Edith Stein no ano de 1933.

No dia 15 de Julho, Münster despede-se solenemente de Edith Stein. Quando vai para o Carmelo, fica inicialmente hospedada num quarto da portaria do convento, vindo a ingressar definitivamente na clausura no dia 14 de Outubro, véspera da grande festa de Santa Teresa. Neste intervalo de tempo ainda passou dois meses em Breslau, onde foi a fim de preparar a sua mãe para esta decisão da sua vida e para se despedir da sua família e dos amigos.

Em Breslau muitas coisas tinham mudado. Os negócios não corriam bem. As pessoas conhecidas tinham emigrado. Os amigos judeus e também os membros da sua família tinham perdido os seus postos de trabalho. A senhora Augusta Stein sofria porque já ninguém se queria hospedar na sua grande casa, da qual parte estava para alugar.

Já em Março de 1933 Edith Stein tinha pensado escrever a vida da sua família, como uma obra de protesto e informação, a fim de fazer frente à horrível imagem distorcida dos “escritos e discursos programáticos dos novos senhores do poder” (VII, 1). Por tudo aquilo que observou em Breslau, Edith põe mãos à obra. Começou a recolher e a ordenar as memórias de sua mãe. Completá-las-ia depois com as suas próprias experiências. Assim foi o princípio do livro: “Acerca da vida de uma família judia”. Desta forma, Edith queria dirigir-se ao numeroso público que não conhecia por experiência o mundo em que viviam os judeus alemães, principalmente à

“juventude, que actualmente, desde a sua tenra infância, é educada no ódio racial” (VII, 2).

Os dois últimos meses passados em Breslau foram tempos verdadeiramente difíceis para Edith Stein e para aqueles que lhes eram mais próximos. Edith sofria principalmente por ver o sofrimento quase desesperado da mãe, que não entendia, e talvez também não quisesse entender, que a sua filha mais nova entrasse num convento. De Breslau escreve, então, à Irmã Calista Kopf: “Sei que minha mãe só se tranquilizou até certo ponto, porque espera em silêncio que eu não me atreva finalmente a fazer a coisa mais horrível que ela possa imaginar. Ajude-me, para que eu possa ir, tal como tinha intenção de fazer!” (VIII, 150; 13/9/1933).

E, mais tarde, escreverá contemplando retrospectivamente esse tempo: “Eu pensava muitas vezes durante aquelas semanas: qual de nós as duas se dará por vencida: a minha mãe ou eu? Mas as duas esperávamos até ao último dia”¹⁶.

O último dia passado em casa foi o 12 de Outubro, precisamente o dia do seu aniversário e ao mesmo tempo o fim da festa judia dos Tabernáculos. Augusta Stein e a sua filha Edith assistiram juntas ao solene acto de culto celebrado na sinagoga do seminário para os rabinos. Regressando a casa Edith puxa a conversa para Jesus, mas a mãe não quer ouvir nada acerca da fé da sua filha. Tudo lhe parecia muito estranho para ela. “Foi completamente impossível fazer com que minha mãe compreendesse alguma coisa... Sobre o Catolicismo e a vida num convento ela tem ideias horríveis” (VIII, 156, 154; 31/10/1933).

Pouco antes da morte da mãe, Edith Stein, numa carta dirigida a Petra Brüning, volta a contemplar retrospectivamente esses dias e escreve: “Você diz... que o Senhor terá em conta a esperança de minha mãe no Messias. Se a tivesse deveras! A crença no Messias desapareceu quase por completo entre os judeus de hoje, até mesmo entre os crentes. Por isso fui incapaz de fazer com que minha mãe compreendesse a minha conversão e a minha entrada na Ordem” (IX, 60; 18/7/1936).

Dois dias depois, 14 de Outubro pela tarde, Edith Stein entra na clausura. A filósofa Edith Stein converteu-se numa monja contemplativa. Escreve ela: “Na verdade, todos os meus amigos deviam alegrar-se

¹⁶ EDITH STEIN, *Cómo llegué al Carmelo de Colónia*, Monte Carmelo, Burgos, 1999.

comigo, por eu ter finalmente chegado aqui onde já há muito tempo devia estar” (XIV, 235; 27/11/1933).

A integração na Ordem vai-se realizando por etapas e durante um período bastante longo. No Carmelo existia a convicção de que a “vocação” de uma pessoa devia manifestar-se na sua idoneidade para esta forma de vida: por um lado, na sua adaptação à solidão e retiro e, por outro, na sua adaptação à vida em comunidade com as restantes irmãs.

Edith Stein vai-se transformando a partir da sua vida interior. Sente-se como que uma força que irradia do seu interior. Muitos dos seus amigos ficam surpreendidos por ela se ter acomodado depressa ao Carmelo e por se encontrar tão alegre no meio da sua família espiritual.

No dia 15 de Fevereiro de 1934, Edith é apresentada ao Capítulo do convento para ser admitida ao noviciado canónico. A sua tomada de hábito teve lugar no dia 15 de Abril que se converteu num dia de festa, “como nunca tinha acontecido no Carmelo de Colónia”.

Juntamente com o hábito, Edith recebe o nome novo com que iria ser chamada na comunidade. Como era costume no Carmelo de Colónia, ela podia manifestar o nome pelo qual desejava ser conhecida. Este nome era Teresa Benedita da Cruz. A este respeito, escreverá mais tarde: “Aos pés da cruz, entendi o destino do povo de Deus, que já então começava a anunciar-se. Eu pensava que aqueles que entendessem que esse destino era a cruz de Cristo, deviam carregá-la sobre si em nome de todos” (IX, 124).

O primeiro ano de Noviciado decorreu de maneira bastante tranquila para a Irmã Teresa. Ela ajudava nos trabalhos da casa e recebia alguns encargos de escrever. A Irmã Teresa era considerada por todas as irmãs como uma religiosa de ânimo alegre e sereno e que estava sempre disposta a ajudar.

Na manhã de Páscoa, 21 de Abril de 1935, Edith Stein faz a sua profissão religiosa. Trata-se dos votos temporais, com uma duração de três anos e que precedem os votos perpétuos. Depois de pronunciar os seus primeiros votos, Edith tem uma nova tarefa. Uns dias mais tarde o Padre Provincial visita o Carmelo de Colónia e informa-se sobre as actividades da nova professora. Sentia-se não pouco orgulhoso de que, nesta Província da Ordem, vivesse uma discípula de Husserl, uma mulher de muito talento. E estava plenamente consciente da responsabilidade que isto supunha para

ele. Edith já não vai para a nova fundação, próxima de Breslau, como estava projectado. Por ordem do Provincial, continua em Colónia e vai-se dedicar novamente aos manuscritos que ela tinha trazido consigo. Ordena que prepare a publicação do trabalho escrito de “Potência e acto”, que ele tinha querido examinar antes.

Este trabalho no Carmelo não se revela nada fácil pelas constantes interrupções para os actos de comunidade, e porque ela não podia sair da clausura para visitar bibliotecas e livrarias. Por isso o Provincial ajudou-a de boa vontade para que obtivesse a necessária bibliografia, e dispensou-a do recreio comunitário do meio-dia, a fim de que dispusesse de mais tempo seguido.

Apesar da sua vida recolhida, Edith não se pode isolar da crua realidade que sofria o seu povo judeu. Ela sempre “estava muito aberta aos acontecimentos do seu tempo”¹⁷. A partir de 1935 a situação torna-se cada vez mais dramática. As suas cartas, a sua oração, a sua vida, tudo é invadido pela crua e horrível situação, que se acentua quando está em causa a sua família. São momentos verdadeiramente duros. A estes vem juntar-se a morte do seu ente mais querido, a mãe, a 14 de Setembro de 1936, precisamente no dia da renovação dos seus votos. Esta coincidência confirma-a de que a sua mãe foi acolhida pela misericórdia de Deus.

Mas nem tudo são tristezas. A conversão da sua irmã Rosa suaviza a sua dor. Se não o tinha manifestado antes fora precisamente para evitar outro grande desgosto à sua mãe. Agora está livre e quer realizar o seu desejo.

Já pouco tempo resta a Edith até integrar definitivamente a comunidade, o que vem a acontecer com a sua profissão solene a 21 de Abril de 1938, e a imposição do véu preto no dia 1 de Maio.

Com o passar dos anos a Irmã Teresa Benedita da Cruz vai amadurecendo e acolhendo esse “sacrifício pessoal” que Deus lhe pede. É uma oferenda que se vai realizar na entrega e serviço aos outros.

A sua entrega apostólica agora é outra e a sua eficácia está em proporção com a intensidade da sua união com Cristo, com a sua Cruz: “Liberta o teu coração pelo fiel cumprimento dos teus votos e então se derramará nele o caudal do amor divino até inundar todos os confins da

¹⁷ Cf. Positio, p. 8 ad 48.

terra (...) Tu não és médico, tão pouco enfermeira, nem podes curar as suas feridas. Tu estás recolhida na tua cela e não os podes acudir. Ouves o grito agónico dos moribundos e quererias ser sacerdote e estar a seu lado... Olha para o Crucificado. Se estás unida a Ele, como uma noiva no fiel cumprimento dos teus santos votos, és o seu sangue precioso que se derrama. Unida a Ele, és como o omnipresente.... Mas com a força da Cruz podes estar em todas as frentes, em todos os lugares de aflição¹⁸.

É assim que Teresa vive a sua vocação contemplativa-apostólica. É através da Cruz que ela vai crescendo e alcançando a união com Deus.

No dia 14 de Outubro de 1938, Edith recebe pela primeira vez uma visita do seu irmão Arno, que quer despedir-se dela antes de imigrar para os Estados Unidos. A mulher e os seus dois filhos já lá se encontravam.

A perseguição aos judeus vai em crescendo. São retiradas aos médicos judeus as licenças para exercer. E chegou a noite terrível de 9 de Novembro de 1938. Entre 9 e 11 de Novembro homens da SS e membros do partido nacional-socialista incendiaram em muitos lugares templos judeus e destruíram comércios e vivendas de judeus. Tinham sido cometidos 91 assassinatos e mais de 35.000 judeus foram presos em campos de concentração.

Perante esta situação Edith não tem outra hipótese senão imigrar, até para segurança da sua própria comunidade. Pensou inicialmente mudar-se para o Carmelo de Belém, na Palestina, mas perante as dificuldades surgidas, a Madre Renata pensou que estariam mais seguras na Holanda.

O convite das Carmelitas de Echt, na Holanda, para que “mudasse de clima”, foi para Edith muito cordial. Assim, na tarde do 31 de Dezembro de 1938, pôe-se a caminho no carro do médico amigo, Dr. Paulo Strerath e na companhia do pároco Dr. Leo Sudbrack. Esta será agora a sua comunidade até que a 2 de Agosto de 1942 seja obrigada pela Gestapo a deixar o convento.

A realidade histórica desta comunidade favorece em grande parte a integração de Edith. Este convento é fundação do Carmelo de Colónia e por isso existe certa continuidade, comunhão de vida e costumes entre ambas as comunidades.

¹⁸ ESW XI, p. 126.

Edith desenvolve nesta comunidade um grande apostolado, uma vez que o seu nível cultural é muito inferior ao de Colónia. A superiora pede-lhe que faça de mestra das irmãs leigas. Além da formação, ela sabia estar muito perto delas para as ajudar espiritualmente. De facto, parte do seu tempo, dedicava-o à direcção espiritual. Ao mesmo tempo dá aulas de latim às noviças e explica-lhes o Breviário.

A sua actividade de escritora também não encontra descanso. Para além dos seus trabalhos intelectuais e científicos, elabora outros escritos para consumo interno da comunidade. Edith tinha começado uma obra que desejava ter acabado: “História de uma família judia”. Não pode trazer consigo o manuscrito por ser perigoso. Pediu às irmãs de Colónia que lhe fizessem chegar o manuscrito iniciado, o que veio a acontecer.

Estava próxima a celebração do IV Centenário do nascimento de São João da Cruz, doutor da Igreja, a 24 de Junho de 1942. A Ordem na Alemanha pensava publicar uma obra, uma vez que ele era quase desconhecido na Alemanha. Pensavam confiar esta difícil tarefa a Edith Stein, o que realmente veio a suceder. Esta obra teve como título: “Ciência da Cruz”. É uma das mais conhecidas e divulgadas, de tal maneira que a obra e a pessoa se chegam a confundir ou identificar. Foi o seu último escrito, que ficou aberto sobre a sua mesa de trabalho quando foi presa pela Gestapo.

Meses depois da sua entrada em Echt, Edith experimenta a grande alegria e o grande alívio de receber também a sua irmã Rosa no Carmelo de Echt. Como neste Carmelo não havia propriamente irmãs encarregadas da portaria, confiam-lhe a tarefa de se ocupar das tarefas domésticas no recinto da portaria. Cuida da capela, da sacristia e encarrega-se de sair para fazer os recados. Atende, ao mesmo tempo, os hóspedes. Bem depressa se tornou imprescindível e muito apreciada no convento e no lugar.

As tropas alemãs continuam a invadir os territórios circundantes. Edith sabe o que isto significa. Via que estava iminente uma nova Guerra Mundial. Em Hitler ela vê o Anti-Cristo, que quer arrasar o mundo e que é uma ameaça para o cristianismo. Quer interceder pelos alemães e pela paz do mundo. No Domingo de Ramos, quando se recorda o amor de Jesus que vai até à Cruz, Edith pede à sua superiora de Echt que lhe permita “oferecer-se ao Coração de Jesus como sacrificio expiatório para conseguir a verdadeira paz”. Uma semana mais tarde, Edith diz: “Não tenho outro

desejo senão que se cumpra em mim e por meio de mim a vontade de Deus”. Ela sabe a luta que isto significa: “Faz falta muita oração para que cada um permaneça fielmente no seu lugar”.

Nesta situação, a 9 de Junho de 1939, Edith Stein escreve o seu testamento. Nele lança um olhar à sua vida passada e apresenta diante de Deus uma oração de súplica, tudo aquilo que a moveu durante os últimos anos e meses. Pede, sobretudo, que a sua Ordem dê um testemunho fidedigno e convincente de vida santa.

Este breve escrito steiniano tem uma importância enorme, uma vez que determina a sua vivência e vocação espiritual. Neste escrito, além de algumas anotações materiais, manifesta a sua entrega total à vontade de Deus, uma entrega que é oblação expiatória da sua vida em favor do povo judeu, da Ordem, da Igreja e da paz universal. Tal como se depreende do próprio texto, é o segundo testamento que escreve. O primeiro, que escreveu em Colónia a 21 de Abril de 1935, antes da primeira profissão, teve que o destruir na presença da Priora por medo que viesse complicar a passagem pela fronteira da Holanda, caso fosse encontrado. O presente e segundo testamento está datado em Echt a 9 de Junho de 1939.

Entretanto, com o ataque da Polónia (1/9/1939) estala a II Guerra Mundial. A 14 de Maio de 1940 capitularam os Países Baixos e a Bélgica. Os acampamentos de refugiados foram rodeados de arame farpado, e os que estavam ali internados convertem-se em prisioneiros.

Em Maio de 1940, os ocupantes alemães requisitam os arquivos dos Ministérios e, portanto, não lhes foi nada difícil encontrar Edith e Rosa Stein.

A partir do dia 1 de Setembro de 1941, todos os judeus que viviam nos territórios ocupados tinham que ostentar uma cruz amarela do tamanho da palma de uma mão, com a inscrição “judeu”.

Em Auschwitz, Rodolfo Höss, comandante do campo de concentração, ordenou, a partir de Junho de 1942, a morte dos judeus nas câmaras de gás.

No dia 2 de Agosto de 1942, Domingo, pela tarde, pouco depois das 17 horas, estando Edith no coro com as irmãs, ajoelhada diante do Santíssimo Sacramento, apresentou-se a polícia no Carmelo. São levadas juntamente com outros para o acampamento de Westerbork, que fica situado muito mais ao norte.

Quando se encontrava em Westerbork, Edith tratou das mães desesperadas e abandonadas à sua sorte, limpou e lavou as crianças, consolou-as. Quando Wielek, oficial judeu do Conselho Judaico holandês, soube que Edith Stein tinha que ser transportada com os restantes, perguntou-lhe se queria que telefonasse para Utrecht para tentar ainda alguma possibilidade de a salvar. Mas ela rejeitou a proposta, dizendo: *“Seria injusto que pudesse tirar alguma vantagem do facto de ser baptizada? Se não partilhasse a sorte dos demais, a sua vida ficaria como que aniquilada...”*.

E continua testemunhando este senhor: *“E foi rezando para a carruagem, juntamente com a sua irmã Rosa. Vi o seu sorriso, a sua firmeza inquebrantável [...] acompanhando-a até Auschwitz”*.

O senhor Wielek que se encontrou com Edith Stein no *lager* de passagem por Westerbork, a caminho do campo de extermínio, descreve-a em 1950. Apesar do ambiente de morte que se respirava, Edith mantinha o seu radiante sorriso. *“A única freira que me chamou imediatamente a atenção e que eu nunca fui capaz de esquecer, mulher de sorriso não fingido, mas que brotava dela como uma luz quente, é essa que certamente o Vaticano vai canonizar [...] Quando encontrei esta mulher no lager de Westerbork [...] pensei imediatamente: Verdadeiramente, este é um grande ser humano. Viveu alguns dias naquele atoleiro de Westerbork, passeou, falou e rezou como uma santa, sim, realmente era-o. Essa era a imagem daquela grande mulher, que agia como uma jovem e que o era em sentido pleno, verdadeiro e autêntico. Numa conversa disse: ‘O mundo compõe-se de contrastes [...] Mas ao fim não ficará nada desses contrastes. Só permanecerá o Amor [...] Que os meus irmãos e irmãs tivessem tanto que sofrer, verdadeiramente nunca o tinha imaginado’. A cada hora rezo por ela. Escutará Deus a minha oração? A súplica dela certamente que a escutará”*.

Às primeiras horas da manhã do dia 7 de Agosto põe-se em marcha um comboio no qual se encontram todos os judeus católicos em direcção a Auschwitz. Segundo tudo o que se pode averiguar os católicos que havia entre estes judeus deportados, foram todos assassinados, no Domingo, 9 de Agosto, no campo de Auschwitz-Birkenau.

EDITH STEIN

A CONVERSÃO

JEREMIAS CARLOS VECHINA

Esta mulher de origem judia afastar-se-á de toda a prática religiosa nos alvares da sua juventude, auto-qualificando-se de atea. Observando a sua vida podemos dividi-la em duas grandes etapas: uma que vai do seu nascimento (12 de Outubro de 1891) até ao ano de 1921 e a outra que vai de 1921 a 1942 (momento da sua morte). O que está no centro destas duas etapas e as justifica é a sua conversão ao cristianismo, o encontro com a Verdade que é Jesus.

Nesta primeira fase é bom ter presente a existência de certos acontecimentos que nos ajudam a compreender melhor a viragem que teve lugar na sua vida. A sua infância decorre normalmente. Nasce numa família judia, numerosa, profundamente religiosa, sendo a mais nova. O seu pai morre em 1893, quando tinha um ano e nove meses. A mãe consegue levar o barco a bom porto.

Aos 6 anos inicia os seus estudos numa escola protestante de ideologia liberal marcada pelo racionalismo neo-kantiano. Aos 14 anos atravessa uma crise pessoal: decide deixar a escola e abandona conscientemente a religião por não encontrar sentido nela. Vai para Hamburgo onde passa quase um ano em casa de sua irmã Elsa.

Dois anos depois, em 1908, decide retomar os estudos e prepara-se privadamente para iniciar o bacharelado.

Aos dezanove anos, em 1911, faz o exame extraordinário de selectividade e em Abril do mesmo ano inicia os estudos universitários de germanística, história, propedêutica filosófica e psicologia na sua cidade

natal. Inscreve-se em diversos grupos de carácter reformista: Grupo Pedagógico e Associação universitária feminina. Um ano depois sofre uma forte crise intelectual com a psicologia. Lê Husserl e decide mudar de universidade.

Muda-se para Gottinga atraída pela escola fenomenológica de Husserl, onde a partir de Abril de 1913 continua os seus estudos na universidade desta cidade. Aqui se encontra com Max Scheler que tem uma influência extraordinária na sua vida.

Um ano depois prepara o seu exame de licenciatura e começa a elaborar a tese de doutoramento sobre o tema da Empatia. Estala neste ano a 1ª Guerra Mundial. No ano seguinte, a 14-15 de Janeiro, faz o exame de Estado “*pro facultate docendi*” em história, filosofia e germanística, obtendo a nota máxima. De Abril a Setembro deste mesmo ano alista-se voluntariamente como Assistente de enfermeira da Cruz Vermelha num hospital austríaco.

Regressada desta experiência é convidada a dar aulas de latim na sua antiga escola. Aqui permanece pelo espaço de um ano até depois de defender a sua tese de doutoramento em filosofia na universidade de Friburgo, o que vem a acontecer a 3 de Agosto, obtendo a qualificação de “*summa cum laude*”.

Permanece nesta cidade como assistente de Husserl, encarregando-se de introduzir os estudantes na fenomenologia e de transcrever os seus manuscritos.

Em 1917 é publicada a sua tese de doutoramento sobre o problema da “Empatia”. Neste mesmo ano morre o seu amigo Adolf Reinach e a viúva pede a Edith que se encarregue da publicação dos seus escritos.

No ano seguinte deixa voluntariamente de ser assistente de Husserl e volta novamente para a sua cidade natal, onde se dedica ao trabalho científico privado, com a intenção de apresentar-se a uma cátedra.

A 28 de Junho de 1919, a Alemanha firma o tratado de paz em Versailles e Edith compromete-se politicamente a favor da instauração da república de Weimar. Tenta aceder a uma cátedra universitária em Gottinga, Friburgo e Kiel, coisa que não consegue pela sua condição de mulher e judia. Entretanto dedica-se a preparar diversos trabalhos científicos, fruto

da sua própria reflexão sobre política e o estado. Com o início da república de Weimar a mulher conquista o direito ao voto e à igualdade.

Nos dois anos mais tarde, Edith dá aulas práticas de introdução à filosofia sobre base fenomenológica, em sua casa, a mais de 30 pessoas. Dá um curso sobre questões fundamentais de ética na escola de adultos de Breslau. Estes são anos de profunda crise e de procura interior da verdade. Todas as tentativas de aceder a uma cátedra são inúteis.

No mês de Junho de 1921, estando em casa numa sua amiga, Hedwig Conrad-Martius, lê a autobiografia de Santa Teresa de Jesus e toma a decisão de se converter ao catolicismo.

A partir destes acontecimentos apresentados vamos descobrir o itinerário espiritual desta mulher atea. Esta expressão pode parecer um bocado chocante e até mesmo um pouco contraditória. Mas não é assim. O Espírito de Deus actua em todo o homem, mesmo que ele não tenha consciência, para o atrair ao Pai. O homem a partir da sua situação e realidade, por muito atea que se apresente, está submetido na vida a esta acção salvífica. O alento vital que o anima é o *ruah*, o sopro de Deus que o mantém na existência. Quer queira quer não, esta é uma realidade a que ele não pode fugir, embora atribua a sua subsistência a outra entidade. E muitas vezes o homem até está a servir e a colaborar nos planos de Deus sem disso estar consciente e até mesmo contra a sua própria vontade. Assim se exprime Edith:

“Muitos homens podem servir a Deus sem o seu conhecimento e até, inclusive, contra a sua própria vontade”. Até mesmo homens, continua ela, “que não pertencem, nem exteriormente nem interiormente, à Igreja. São movidos como o martelo ou o cinzel do artista, ou as tesouras com que o vinhateiro poda os ramos” (*Comentário à liturgia da Epifania*).

Quando o homem inicia um caminho de autenticidade, procura a verdade então, sem se dar conta, está iniciando um diálogo vital com o Criador. E se ele persiste nesta procura sincera, o encontro, a comunhão com Deus acontece.

Edith Stein, ao debruçar-se sobre a trajectória da sua vida, é capaz de escrever:

“Quem procura a verdade, esteja ou não consciente disso, procura a Deus”.

Numa reflexão feita por ela por ocasião da festa da Epifania de 1940 escrevia:

“Neles [os Magos] vivia um desejo puro de alcançar a Verdade, que não se deixa conter nas fronteiras das doutrinas e tradições particulares. Deus é a verdade e Ele quer manifestar-se a todos aqueles que o procuram com sincero coração; por isso, tarde ou cedo tinha que aparecer a estrela a esses ‘sábios’, para os conduzir pelo caminho da Verdade. Por isso se apresentam diante da Verdade encarnada e, prostrados diante dela, depositam as suas coroas a seus pés, pois todos os tesouros do mundo não são senão pó em comparação com ela”.

Não é nada fácil falar da experiência espiritual de Edith. Quem se abeirar da sua autobiografia e das suas cartas, descobrirá que toda a sua vida, até nos mais pequenos pormenores, está cheia de Deus. Em nada ela recorre ao acaso ou ao destino. Assim se exprime:

“O que estava no meu plano estava no de Deus. Cada vez creio com maior convicção que a casualidade não existe, que toda a minha vida até nos mais mínimos detalhes está inserida no plano da Divina Providência, e que ela só adquire o seu significado mais completo ante o olhar de Deus que tudo vê. Então começo a alegrar-me pensando na luz da glória pela qual se me descobrira o seu verdadeiro sentido”.

Ora bem, esta característica da leitura que ela faz da sua vida não é fácil de transcrever. Na maioria dos casos ela silencia a sua experiência. Resta-nos a nós a leitura entre linhas. É o que vamos procurar fazer.

Neste relato dos Magos descobrimos uma maravilhosa síntese da trajectória da sua evolução até ao momento da sua conversão. Aqui só temos que substituir os Magos pela pessoa de Edith.

Mas quando começa Edith este caminho ascendente? Alguns autores opinam que este processo começa com os estudos universitários em Breslávia, a partir de 1911, quando ela se compromete e participa em diversos grupos reivindicativos de reformas no campo sócio-político. Outros pensam que o ponto de partida acontece com a mudança de universidade, tal como ela própria o dá a entender:

“Eu tinha percorrido e deixado para trás um longo caminho que vai desde aquele dia de Abril de 1913, em que pela primeira vez cheguei a Gotinga, até Março de 1921 em que voltei e tomei a maior decisão da minha vida”.

É precisamente sobre este período da sua vida que vai de 1913 a 1921, que nos vamos deter para descobrir como se processou a sua conversão. Vemos que é um processo longo e daqui só podemos concluir que os desígnios de Deus são irrevogáveis, mas Ele não tem pressa na sua realização. E não tem pressa no sentido em que no centro desse desígnio está o homem e porque o criou livre, uma vez que é amor, respeita a sua liberdade. Vemos também como a graça e a liberdade se conjugam harmonicamente na vida desta mulher.

Também concluimos daqui que não há duas histórias: a história do homem e a história de Deus, a história sagrada e a história universal. Para quem tem fé a história é só uma: a História Sagrada. Os grandes interlocutores desta história são Deus e o homem. Pela fé o homem é capaz de descobrir a actuação de Deus na sua história e cantar as maravilhas de Deus a seu favor. Ele está aí, sempre presente, sempre actuante, embora silencioso, respeitando sempre a pessoa humana, a sua natureza, a sua inteligência e a sua vontade.

Santa Teresa de Jesus, também uma convertida, depois do encontro com Cristo que mudou radicalmente a sua vida, observa a sua história passada e descobre a actuação de Deus. O discurso da sua vida é o discurso das maravilhas de Deus. Sem Ele não há história, não é legível o processo da sua vida. Depois da sua conversão olha para trás e é capaz de exclamar:

“Que cedo andáveis Vós, Senhor, grangeando e chamando para que eu me empregasse em Vós!” (E 4,1).

“Via claramente o muito que o Senhor havia feito da Sua parte, desde a minha meninice, para me chegar a Si, por meios muito eficazes; e como todos eles não me aproveitavam. Por onde se me representou, claramente, o excessivo amor que Deus nos tem” (CC 14, 3).

Deus derramou todo o seu amor sobre ela. “*Não deixou nada por fazer*”. Mas Deus não se impôs violentamente; por isso, a jovem Teresa não se rendeu logo às fortes pressões amorosas de Deus. Teresa de Jesus ensina-nos a descobrir a mão do Pai, que com grande “*artifício*”, continua abrindo caminhos de amor. Ela reconhece que a mão de Deus a ia conduzindo com paciência e “*por tantos rodeios*”.

Olhando para a vida de Teresa observamos que Deus a espera. Deus a “*sofre*” no seu louco empenho de viver longe dele. “*Tanto tempo me esperou o Senhor*” (V prol); “*bem sabe sua Majestade aguardar muitos*

dias e anos” (2M 1, 3); “*tanto tempo me sofreu o Senhor*” (V 8, 8). E Teresa generaliza o seu caso quando escreve: “*Como o ides sofrendo e esperais que se faça à Vossa condição*” (V 8, 6).

Teresa falou-nos das invenções, dos rodeios do amor de Deus, das muitas modalidades que revestiu quando ela não era boa. Deus acabou por vencer. Teresa rendeu-se convencida de que não podia “*encontrar melhor amigo*” (2M 1, 4).

A conversão de que nos fala Teresa fecha esse longo período caracterizado por uma intensa acção amorosa de Deus, por um assédio constante e firme à fortaleza de Teresa. Deus luta para abrir passagem para o interior de Teresa, e para a ganhar como amiga, põe em acção todas as invenções do seu amor, “*forçando*” a vontade da sua criatura.

A conversão é Ele que a faz, e a partir daqui o protagonismo de Deus será tão forte e claro, tão absorvente, que Teresa se refugiará cada vez mais no estribilho que aparece quase em cada página dos seus livros: “*Todo lo hace Dios*”.

Processo de Edith

Em cartas escritas por Edith a partir do Carmelo encontramos duas frases que sintetizam a vida, a história desta mulher:

“Aquele que procura a verdade, procura a Deus, esteja disso consciente ou não”;

“A procura da verdade era como uma oração”.

Edith procurou a Verdade, encontrou a Verdade, viveu para a Verdade e morreu abraçada à Verdade que é Cristo Crucificado, porque a procurou como uma oração. Outra coisa não fez esta grande mulher, que pertence à raça dos grandes pesquisadores da verdade, nos seus 51 anos de vida.

A nós interessa-nos pesquisar os anos que vão desde a sua entrada na universidade (1911) até à sua conversão (1921). Como ela escreve, não entrou na universidade para se “colocar” bem na vida nem para “tirar” boas notas, mas para aprender; quer encontrar e dar um sentido à sua vida.

Dos escritos deste período e do interesse que a motiva, podemos deduzir que essa “verdade” que ela procura não é algo abstracto. Ela está

interessada em encontrar resposta a essas grandes interrogações que se lhe deparam: que é o homem, qual é o seu fundamento, onde está a sua unidade e o sentido da sua existência.

Movida por este desejo de encontrar o núcleo que dê razão ao ser do homem, Edith vai centrar-se, desde o início da sua carreira universitária, no estudo da psicologia e da filosofia.

“No seu interior alentava a ânsia pelo sentido mais profundo da vida e do ser do homem; nessa ânsia ela aspirava em constante contemplação – na vida e na investigação científica – encontrar a grande inter-relação da existência na humanidade e na totalidade do mundo e do ser”¹.

“Todo este processo começou na procura do núcleo da pessoa humana, pois só quem se experimenta a si mesmo como pessoa, como um todo cheio de sentido, está em condições de compreender as outras pessoas; mas bem depressa este processo ultrapassou a estrutura da existência humana para se interrogar pelo fundamento e a causa de todo o ser. Edith Stein foi ascendendo até que chegou a alcançar aquela realidade última que engloba e sustenta toda a realidade humana”.

Esta preocupação pela verdade leva-a a mergulhar de tal maneira nos estudos, que muitas vezes nem sabe o que come. Estuda intensamente: levanta-se às seis da manhã e deita-se à meia-noite. Ouve falar de Husserl, do seu método fenomenológico e encaminha-se para Gottinga, esperando encontrar nas lições do mestre o caminho para a verdade. Estes anos são decisivos. Nesta bela cidade faz longos passeios, é generosa com as suas amizades e mais aberta à sua família a quem escreve todas as semanas.

Em Gottinga encontra-se com outros professores que a ajudam na sua investigação. O encontro com o filósofo Max Scheler foi providencial. As suas aulas ultrapassam o campo estrito da filosofia e levam Edith a um primeiro contacto com um mundo para ela, até então, completamente desconhecido.

Segundo o jesuíta J. Nota, que a conheceu na Holanda e foi testemunha no Processo de beatificação, há certas pessoas, principalmente duas, que exercem nela uma grande influência durante o processo da sua conversão, são elas: Husserl e Max Scheler. Do primeiro aprende a acolher

¹ D. FEULING, *Edith Stein*, em *E. Stein, Die Frau in Ehe und Beruf*, Freiburg i. Br. 1963, p. 162.

a verdade sem preconceitos e do segundo a possibilidade de se ser católico e cientista ao mesmo tempo.

Qual a atitude de Edith ao contactar com estes dois filósofos? Apesar da importância que Husserl exerce na sua vida parece ser que o primeiro contacto que ela tem com o cristianismo chega através de Scheler. Precisamente em 1913, este deu umas conferências na cidade de Gottinga. Edith esteve presente e manifesta assim o impacto deste encontro:

“Este foi o meu primeiro contacto com aquele mundo até então desconhecido. Todavia não me conduziu à fé, mas abriu-me a uma esfera de ‘fenómenos’, diante dos quais não podia passar com os olhos fechados. Não em vão nos haviam inculcado que devíamos olhar as coisas sem preconceitos, tirando-nos antes todas as lentes dos olhos... e o mundo da fé ficou repentinamente aberto diante mim. [...] Contentei-me com captar sem oposição os estímulos da minha circunstância, transformando-me quase sem o notar”².

Uma sua amiga, Erika Gothe, companheira de Edith durante estes anos e que participou nestas conferências, fala do impacto que em ambas produziu o pensamento de Scheler:

“Pronunciava as suas conferências sobre temas religiosos, por exemplo «a essência do santo», o fenomenologista de Munich, Max Scheler. Estas conferências foram um acontecimento na pequena cidade universitária [...]. Mas ambas éramos ainda totalmente profanas e do mundo. Da passagem a ela [à fé] não falámos nunca nem uma só palavra. E, não obstante, tinha sido para mim e também para ela o primeiro choque com o caminho da conversão”³.

Este caminho de procura está a abri-la à dimensão do sobrenatural, pois foi de Scheler que aprendeu que “*só a religião convertia a pessoa em pessoa*”. É verdade que com Scheler, Edith sofre um impacto com tal abertura, mas quem prepara o caminho é a “fenomenologia” em si mesma, e Husserl, que está à frente da mesma. Ele define o seu trabalho de investigação filosófica deste modo:

“A vida do homem não é outra coisa senão um caminhar para Deus. Eu procuro alcançar este fim sem provas teológicas, métodos ou ajudas, ou seja, alcançar a Deus sem Deus. Para isto, eu tenho que

² ALF, pp. 229-230 / EA, p. 211.

³ Citado em Posselt, pp. 68-69.

eliminar Deus do meu pensamento científico para preparar o caminho para Deus àqueles que não têm a segurança da fé através da Igreja”⁴.

Estas palavras definem qual era a intenção final de Husserl com a sua filosofia. Não se tratava tanto de levar os seus ouvintes a encontrarem-se com Deus, mas de apresentar uma filosofia que fosse caminho para a fé. O facto é que muitos do seu grupo, bastantes judeus entre eles, acabam por se encontrar com Deus.

Pouco a pouco o processo em que Edith entra vai-se desenvolvendo. Sente-se entusiasmada e totalmente apanhada por este método filosófico, de tal maneira que veio a Gottinga para um semestre e agora decide ficar e acabar aqui os seus estudos e realizar a tese de doutoramento com Husserl.

Noite escura filosófica

Nesta segunda etapa do seu caminho para Cristo, Edith encontra-se, interiormente, submetida a um verdadeiro combate que durará vários anos e lhe causará grandes sofrimentos. Por um lado experimenta a própria impotência e a impotência do ser humano, e por outro a necessidade do contacto com o outro e a complementaridade entre os humanos. É uma etapa que, em termos de tempo, vai de 1914 a 1917. É uma etapa que poderíamos definir com o título da sua obra: *Ser finito e ser eterno*. Da experiência de finitude do ser humano passa a descobrir uma porta aberta ao Ser.

Um dos seus grandes amigos e colegas no amor à fenomenologia, Alexandre Koyré fala assim desta obra:

“A meu parecer, representa a sua «biografia espiritual»: é o resultado da tensão de toda uma vida consagrada à procura do sentido do ser, dirigida depois a Deus e anelante do conhecimento de Deus através da experiência mística, esta experiência em si do amor do Outro”⁵.

Neste momento Edith enfrenta a preparação da tese de doutoramento. Isto vai exigir-lhe esforços especiais, muitas horas de trabalho, de tal maneira que dorme muito pouco e vive num contínua tensão. Todo este

⁴ Cfr. C. FELDMANN, o.c., p. 21.

⁵ Tomado de uma entrevista a Alexandre Koyré reproduzida em E. MIRIBEL, *Edith Stein: Dall'università al lager di Auschwitz*, Ed. Paoline, Milano 1987, p. 96.

esforço leva-a a sentir a sua impotência e limitação a ponto de entrar em depressão e desejar a morte. Mais tarde escreverá:

“Atravessava uma crise interna, desconhecida dos meus familiares e que não podia resolver em casa. Naquela época a minha saúde foi afectada por causa do combate que sofria em total segredo e sem nenhuma ajuda humana”.

Num segundo momento desta fase a crise acentua-se, tem lugar o início da Primeira Guerra Mundial e Edith alista-se como enfermeira voluntária. Sente-se plenamente alemã e prussiana e quer manifestar a sua solidariedade de uma forma concreta. Isto supõe uma situação nova que a obriga a colocar-se outros problemas e a uma mudança de vida:

“Agora a minha vida não me pertence, disse-me a mim mesma. Todas as minhas energias estão ao serviço do grande acontecimento. Quando terminar a guerra, se é que ainda estou viva, poderei pensar novamente nos meus assuntos pessoais”⁶.

No hospital Edith experimenta, pela primeira vez, desde muito perto, a morte das pessoas e a luta pela vida, e apercebe-se das diferenças com que cada um, na sua agonia, enfrenta a morte. No seu caso concreto, ela experimenta inicialmente a morte apenas como algo que está associado simplesmente ao trabalho, como um caso em que tem que actuar de uma determinada maneira: chamar o médico para que certifique o óbito,

“com o certificado de óbito na mão, ir aos que estão na recepção do hospital e solicitar o serviço de uns homens que se encarreguem de levar o cadáver; finalmente tirar todas as roupas da cama” (VII, 304).

Só quando ela encontra entre os escritos póstumos de um defunto a oração da sua esposa pedindo a Deus que conserve a vida de seu marido, é que sente de repente que o morrer não é só uma rotina, mas uma relação humana que se rompe para sempre com todas as suas esperanças: era o morrer de uma pessoa, a destruição de um vínculo humano, uma rotura indelével também para os que sobreviviam. Edith testemunha: “*Isto fez-me pensar e pensar*” (VII, 304).

Embora isto a fizesse pensar, Edith não está interessada naquele momento, em deixar-se absorver por esta experiência. O seu sentimento do dever obriga-a a não se abandonar a tais sentimentos: “*Não me devia deter*

⁶ ALF, p. 265 / EA, p. 244.

nees”. Esta sua atitude só mudaria quando se sentiu afectada pessoalmente pela morte de Adolf Reinach, seu grande amigo. O esforço excessivo e a tensão extrema consomem-na. Está habitualmente pálida e tem cara de esgotamento. Só espevita tomando café e fumando uns cigarros, porque “*os nervos exigiam um pouco de relaxamento, quando uma pessoa saía da sala dos hospitais*” (VII, 302). Edith continua a rejeitar, como sempre, o recurso ao álcool.

A saúde de Edith tinha piorado já em Junho. Por isso foi-lhe proposto que tirasse um tempo de descanso. Dois meses mais tarde viu-se obrigada a fazê-lo.

“Mas – escreve ela – a decisão de deixar o hospital não a tomei senão depois de violentas lutas interiores. Nas minhas reflexões intervinha algo que era muito distinto do esgotamento nervoso. Voltava então à minha mente com bastante frequência a ideia se não seria imprudente interromper durante tanto tempo o meu trabalho científico...Por outro lado, sentia dificuldades porque isso me parecia ser um sentimento egoísta” (VII, 328).

Edith aproveita o tempo de descanso para se preparar para o exame de grego, que era indispensável para ser admitida à tese. Uma vez que o hospital foi evacuado devido às rectificações na linha da frente, Edith não foi chamada depois do tempo de descanso. Reuniu então todas as suas energias e concentrou-se mais que nunca no seu trabalho. O seu estado de espírito é outro:

“Ó que diferentes eram as coisas agora!... Escrevia folhas e folhas... e um desconhecido sentimento de felicidade me inundava... Estava realmente assombrada por ver tudo o que agora sabia... Cada dia era como um novo dom, porque tudo avançava. E tudo continuou indo por diante, durante uns três meses, sem parar. Algo se tinha desligado de mim, adquirindo uma espécie de existência própria” (VII, 341).

No Natal de 1915 as coisas tinham progredido tanto, que Edith viajou até Gottinga para apresentar a Husserl parte considerável do seu trabalho. A mulher que lhe arrendava o quarto pensava acerca deste re-encontro:

“Pela cara da Sra. Stein vê-se que ela conheceu o lado sério da vida” (VII, 342).

A própria Edith também sentiu que tinha dado um grande passo no seu amadurecimento. Tinha ficado para trás uma porção da sua vida.

No dia 23 de Dezembro de 1915 Edith é convidada para o aniversário de Reinach. Em casa dos Reinach ela já é considerada como da família. Reinach tinha mudado muito. A sua participação na guerra levava-o a isso. Fala com Edith acerca dos seus pressentimentos. A tensão vivida na frente da batalha tinha suscitado nele certa clarividência e tinha-o colocado em situações limite, nunca por ele experimentadas em tempos de paz. Nas noites de bombardeamento, Reinach descobre novamente a Deus e aproxima-se da fé cristã. Naqueles dias de Inverno tinha

“frequentemente horas terríveis, em que uma pessoa dava por terminada a vida”.

Contudo, não se dava por vencido. Aqueles tempos tinham mesmo sido para Reinach, como ele diz expressamente, a época mais orgulhosa da sua vida. Numa carta de 1 de Dezembro fala pela primeira vez da experiência da gratidão, que nessas horas escuras começa a invadi-lo e que lhe abrirá um novo acesso à experiência religiosa:

“Como uma noite tenebrosa e difícil, fica para trás de mim o tempo da grande ofensiva... E, apesar de tudo, inunda-me a alegria e uma gratidão infinita por ter vivido esse tempo e por ter sobrevivido a ele. *Agora* vivo num mundo totalmente diferente”.

Correu a suspeita de que talvez tivesse recebido o baptismo durante a licença de Natal. Edith não menciona nada a este respeito.

A promessa de assistir à sua primeira “missa do galo” não se concretizou, porque Edith Stein se enganou na hora. Ela não é católica como os seus amigos, mas também já não é indiferente. Vai despertando nela um interesse sério por um cristianismo vivido e esse interesse começa pouco a pouco a intensificar-se.

No ano seguinte – Abril / Maio de 1916 – dá-se um caso que mais tarde seria importante para Edith Stein. O seu amigo Adolfo Reinach decidiu dedicar-se, depois da guerra, à filosofia da religião. Vai tomar como ponto de partida a experiência de Deus, a experiência da segurança em Deus, e não vai fazer outra coisa senão mostrar que, do ponto de vista da “ciência objectiva”, não se pode objectar nada contra ela. Aliás Scheler pensava de maneira parecida e advogava publicamente que a sociedade devia realizar um novo começo religioso movido pelo espírito do catolicismo.

No decurso deste Verão de 1916 vai-se tornando patente por várias vezes que, para Edith, a esfera da experiência religiosa ia tendo cada vez maior atractivo.

O encontro da verdade

É claro que no caso de Edith não se dá uma conversão repentina. Ela não descreveu as causas e os passos que a levaram à conversão. Costumava dizer: “*o meu segredo é para mim*”. Contudo em algumas cartas encontramos pistas orientadoras que nos podem facilitar a reconstrução, senão do processo completo, pelo menos de alguns factos decisivos. Escrevia ela a uma amiga: “*Deus leva a cada um pelo seu próprio caminho*”. Qual foi o dela?

Numa viagem a Friburgo, em 1916, detém-se na cidade de Frankfurt e com uma amiga visita a catedral. É ela a contar:

“Entrámos um minuto na catedral, e enquanto estávamos ali em respeitoso silêncio, chegou uma mulher com a sua cesta de compras e ajoelhou-se num banco para fazer uma breve oração. Isto era para mim algo totalmente novo. Às sinagogas e às igrejas protestantes, que eu tinha visitado, somente se ia para os officios religiosos. Mas aqui alguém acudia no meio das suas ocupações diárias a uma igreja vazia, como para um diálogo confidencial. Isto não o pude esquecer nunca”.

Recebida a notícia da morte do seu grande amigo Adolfo Reinach, caído no campo de batalha da Flandres, encaminha-se para casa da viúva, Ana, para a consolar e tratar da publicação dos escritos filosóficos de seu marido. Para lá se encaminha mas não sabe como consolá-la. Chega de surpresa e qual não foi o seu espanto?! É Ana que se mostra cheia de paz e esperança e fala a Edith de Cristo e do sentido da sua Cruz, como passagem para a Ressurreição. Mais tarde comentará:

“Este foi o meu primeiro encontro com a Cruz e com a força divina que é transmitida aos que a levam... Foi o momento em que se rompeu a minha incredulidade e Cristo resplandeceu. Cristo no mistério da Cruz...”.

Contudo faltam ainda quatro anos para a total capitulação.

Também a impressiona profundamente um caso que teve lugar numa casa de camponeses, em que ela se hospedou aquando de uma excursão feita

com umas amigas. Tinham caminhado desde Friburgo a Feldberg. Faz-lhe uma grande impressão ver e ouvir a oração do pai de família católico, feita em união com os seus criados, antes de partirem para o campo.

Casos e casos,...chamamentos e chamamentos... Porque é que não dá o passo definitivo? Ela própria escreveu: “*É que não soou ainda a hora da graça*”.

A hora da graça

Esta acontece numa noite de Verão de 1921, fins de Junho. Edith encontra-se na casa duns seus amigos convertidos à fé em Cristo, mas dentro duma confissão luterana. Aqui chega num momento de profunda crise. Os amigos tinham saído naquela tarde-noite e Edith encontra-se só em casa. Toma da biblioteca um livro, ao acaso, cujo título é *Vida de Santa Teresa de Jesus*, escrita por ela mesma. Leu-o de uma assentada, sem poder suspender a sua leitura, e ao terminar a última página exclama emocionada: “*Isto é a verdade...*”. A partir deste momento muda radicalmente tudo na sua vida. Decide fazer-se cristã e católica.

Na manhã do dia seguinte compra um catecismo e um missal. Assiste pela primeira vez à missa; fala imediatamente com o sacerdote e pede o baptismo na Igreja católica.

A comunicação da verdade

Depois da sua conversão Edith dedica vários meses ao estudo e à oração. Mas a Verdade encontrada deve ser comunicada. Impedida de conseguir a cátedra universitária pela sua condição de mulher, exerce o seu magistério no Colégio das Irmãs Dominicanas de Espira. Dá aulas de alemão, de história, de literatura, de filosofia, às raparigas que fazem o liceu e a outras que se preparam para ser professoras. Também as jovens religiosas assistem às suas aulas a fim de completarem a sua formação. Além do ensino dedica-se também a outras tarefas científicas: traduz Newman, São Tomás e colabora em revistas filosóficas. A professora e pedagoga converte-se em ilustre conferencista, participante activa em círculos e congressos, sempre apoiada nos seus profundos conhecimentos e, de maneira explícita, na sua fé católica.

Nos seus anos de estudante universitária tinha sido uma ardente feminista o que lhe ocasionou não poucos dissabores. Uma vez convertida ao catolicismo o seu feminismo serena e cristianiza-se, mas continua a ser uma pioneira. É chamada a dar conferências em muitas cidades alemãs e noutras da Áustria e Suíça. Nelas trata de temas filosóficos e pedagógicos, dando especial atenção aos problemas da mulher. É escutada por um público predominantemente feminino, mas não faltam os homens e entre eles bastantes sacerdotes.

O abraço com a verdade crucificada

O ano de 1933 é um ano terrível para a Alemanha e para o mundo. Adolfo Hitler chega ao poder legalmente e põe em prática as suas ideias anti-semíticas. Edith é uma das suas vítimas. Não pode ensinar. Todos os planos humanos caem por terra. Parece não restarem dúvidas do seu chamamento à vida contemplativa. Não se trata de decepção, fuga ou procura de um refúgio. Numa longa oração diante do Santíssimo toma a sua decisão: será carmelita de clausura.

Vencendo todos os obstáculos entra no Carmelo de Colónia para se abraçar com a Cruz de Cristo, essa Cruz *“escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas força de Deus e sabedoria de Deus para os eleitos...”* (1Co 1, 23s). A entrada no Carmelo de Colónia é como a chegada ao porto desejado.

A perseguição aos judeus está em marcha. Nem sequer se respeitam os muros dos conventos. Teresa, este foi o nome recebido no Carmelo, não quer pôr as suas irmãs em perigo. Fazem diligências para ir para um Carmelo da Palestina mas a licença não é concedida. As irmãs do Carmelo de Echt, na Holanda, recebem-na. Depois da tristemente célebre noite de 9 de Novembro de 1938, em que foram saqueadas e destruídas 7.500 casas de judeus e quase 200 sinagogas, um furioso vendaval desaba sobre os judeus. A 31 de Dezembro de 1938 Teresa parte para Echt, acompanhada pelo médico da comunidade. Ela está consciente da situação e prepara-se interiormente para a crucifixão. É impressionante o testamento espiritual, assinado no dia 9 de Junho de 1939, termo dos seus Exercícios Espirituais:

“A partir de agora aceito com alegria, e com absoluta submissão, a Sua santa vontade, a morte que Deus dispôs para mim. Peço ao Senhor que aceite a minha vida e a minha morte para honra e glória

Sua..., em expiação pela incredulidade do povo judeu e para que o Senhor seja aceite pelos seus e o Seu Reino chegue em glória; pela salvação da Alemanha e a paz do mundo, finalmente, pelos meus familiares, vivos e defuntos e todos aqueles que Deus me deu: que nenhum deles se perca”.

Teresa coloca-se “nas mãos de Deus”, frase que aparece com frequência nas cartas desta época. A Maria, Mãe de Jesus, numa bela poesia desta fase da sua vida, manifesta os seus desejos de compartilhar com ela a paixão e morte de Jesus: *Junto à cruz conTigo quero estar*.

A hora chegou: às cinco da tarde de Domingo, 2 de Agosto de 1942 é presa pela Gestapo juntamente com a sua irmã Rosa também ela convertida ao catolicismo, e levada para o campo de concentração e, por fim, para o campo de extermínio de Auschwitz. A crucifixão e morte acontecem na manhã de 9 de Agosto na câmara de gás. Nesta manhã Edith alcança a Verdade plena e chega a ser realmente Santa Teresa Benedita da Cruz.

O TEMA DA “INABITAÇÃO” DE DEUS

(NA ALMA DOS JUSTOS)

AO LONGO DA HISTÓRIA DA TEOLOGIA

AMÉRICO PAULO S.F. MAIA*

Introdução

É nosso objectivo apresentar sucintamente os dados da teologia positiva no que diz respeito ao tema clássico da “inabitação” de Deus (na alma dos justos)¹. Não procederemos de uma forma exaustiva. Limitar-nos-emos a expor de uma maneira sintética o evoluir dessa reflexão na Sagrada Escritura, Tradição e Magistério e num *segundo momento* apresentaremos as teorias elaboradas no século XX até ao limiar do Concílio Vaticano II.

Constatamos a presença discreta do tema da “inabitação de Deus” nos manuais de Teologia actuais, assim como a sua quase ausência na pregação. Pensamos que o tesouro que constitui todo o estudo feito ao longo da história da teologia sobre este tema (a ser descoberto e pulido) poderia motivar o homem dos nossos dias, na sua crise de sentido, a arrojarse e a

* Pe. Américo Paulo S.F. Maia, cmf

Missionário Claretiano, licenciado em Teologia (dogmática) pela Pontifícia Universidade Gregoriana

¹ No nosso estudo a “inabitação” exprime o sentido de habitar por dentro (inclusão, interioridade ou movimento para dentro) e não, obviamente, a negação, negar a habitação (uma outra possibilidade admitida na língua portuguesa).

Sob o ponto de vista estritamente teológico entendemos aqui a “inabitação” no sentido clássico de uma presença “especial” de Deus na alma dos justos, isto é, naqueles que se iniciam na vida cristã e vivem em graça.

Na linguagem teológica também se designa a “inabitação de Deus” com a expressão “graça incriada” que alude ao próprio Deus que se faz presente como dom no crente.

crescer em profundidade rumo a esse encontro sempre apaixonante com o Inefável que nele balbuceia e faz morada.

Possa esse nosso estudo ser um estímulo a isso.

A. Um esboço histórico do tema da inabitação divina na Sagrada Escritura, na Tradição (patrística e escolástica) e Magistério ²

1. O tema da “inabitação de Deus” na Sagrada Escritura

Antigo Testamento

O Antigo Testamento é importante para a doutrina clássica da “*inabitação de Deus na alma dos justos*”, porque nos oferece a terminologia que será usada nomeadamente pelo Novo Testamento e Tradição (sobretudo patrística) para a descrição desse mistério, preparando, ao mesmo tempo, as linhas mestras do conteúdo dessa doutrina que será depois desenvolvida e aprofundada.

Assim no AT encontramos um conjunto de símbolos, imagens e expressões que pretendem exprimir a *presença verdadeira e eficaz* de Deus no meio do seu povo. É o caso da imagem da *coluna de fogo* ou a *nuvem* que conduzem o povo de Israel pelo deserto e que pretendem significar a presença do Senhor que conduz, protege e defende (cf. Ex. 13, 21ss; 14, 19-20; 14; 24; 40, 34-38). Um outro símbolo ou imagem importante constitui a *tenda* ou o *tabernáculo* na qual Deus desce sob a forma de nuvem para estabelecer diálogo com Moisés, como representante privilegiado do Seu povo (cf. Ex. 25, 8-9; 29, 42-46; 40,34, etc).

Um outro elemento sucessivo que exprime nitidamente a *presença salvífica* de Javhé é o *templo*, concretamente o de Salomão, no qual o Senhor com a sua glória (*Shekinah*) se faz presente, para assim ficar no meio do seu povo, o escutar e apoiar (cf. 2 Sam 7, 12-13; 3 Re 8, 3-4.10-13;

² Para este apartado usaremos como pontos de referência as seguintes obras: BECKER K., *De gratia*, ad uso degli studenti, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1996, 22-48; FLICK M. - ALSZEGHY Z., *Il Vangelo della grazia*, Libreria Editrice Fiorentina, Roma, 1964, 457-498.

1 Re 8, 23ss; 2 Cr 6, 14-42). De notar, no entanto, que Deus condiciona a sua presença no templo à observância dos seus preceitos (3 Re 6, 11-13).

Por fim no período próximo ao exílio (da Babilónia) e pos- exílio temos a promessa de Deus feita por meio dos profetas de um *novo Templo* no qual Ele *habitará* e de uma forma definitiva se fará presente no seio do seu povo. No entanto essas profecias não são sempre claras nem uniformes; nem sempre se percebe se o profeta fala em sentido real ou num sentido meramente simbólico (cf. Is. 2,2-3; 56,7; 60,7; Jer. 33, 18.21; Ez. 36, 38; 37, 26b-28; 40, 5-42, 20; 43, 1-11).

Novo Testamento

Encontramos desenvolvida a doutrina da inabitação sobretudo em *S. João* e em *S. Paulo*.

S. João afirma claramente a “*permanência*” do Pai, do Filho e do Espírito Santo no crente ou discípulo que vive da fé e amor para com Deus e o próximo, equacionando-a em termos de “*missão*” ou “*envio*” do Filho por parte do Pai e “*missão*” e “*envio*” do Espírito por parte do Pai e do Filho. Do Pai não se diz que é enviado, mas no entanto também “*permanece*” no crente (cf. Jo. 14; 1Jo 2, 22-27).

Por sua vez *S. Paulo*, usando uma terminologia e imagens próprias do AT, atribui a imagem de “*templo de Deus*” à comunidade cristã (e aos seus membros em particular) onde Deus (*Pai*) se faz presente; e refere os crentes como sendo *inabitados* pelo Espírito Santo (cf. Gal.4,6; 1 Cor. 6,19; 2 Cor. 6, 16; Rom. 8, 9-11; Ef. 2,20-22; 4, 12). Só uma vez (em Ef. 3,17) se refere à presença ou inabitação de *Cristo* no baptizado.

Devemos também referir o facto de em *S. Paulo* o tema da *inabitação* e *templo de Deus* se inserirem no contexto de uma preocupação pastoral concreta, o de exortar à importância de uma vida segundo os preceitos de Cristo, para que se seja digno da condição de *templo* construído por Deus e *habitado* por Ele e pelo Espírito. Por sua vez *S. João* parece inverter a perspectiva de *S. Paulo* ao considerar a vida de *fé* e de *caridade* como pressupostos da inabitação. Mas são duas perspectivas que, no nosso entender, não se excluem mas se complementam.

2. O tema da “inabitação de Deus” nos Padres da Igreja

De uma forma geral, os Padres da Igreja desenvolvem a sua reflexão a partir da doutrina bíblica sobre este tema. Frequentemente limitam-se a repetir expressões extraídas da Sagrada Escritura, nas quais os justos aparecem como *templo de Deus* e Sua *morada*. Em alguns Padres a inhabitação de Deus nos cristãos é referida e designada com o apelativo *theophoroi* e *pneumatophoroi*, no sentido de *portadores de Deus* e do *Espírito*³.

Encontra-se também difundida a convicção de que essa união com as Pessoas divinas inicia com o Baptismo, se interrompe com o pecado e é restituída com a penitência⁴. Ao mesmo tempo se concebe essa presença de Deus nos justos como essencialmente diferente de qualquer outro tipo de presença divina no mundo criado, porque aquela implica uma certa *participação da natureza divina*. Interessante também denotar que de uma forma geral os Padres atribuem a cada uma das Pessoas divinas uma especial função na inhabitação, consoante as suas diferentes propriedades (por ex: o Pai como não gerado, gerador e aspirante; o Filho como gerado e aspirante; o Espírito Santo como aspirado). Assim, de uma forma genérica, na tradição patrística se considera que são o Pai, o Filho e o Espírito Santo que inabitam na vida dos justos, mas cada uma das Pessoas segundo a sua propriedade. É precisamente daqui que surge um problema (que aliás não foi visto pelos Padres nem por eles expresso) que poderemos apresentar da seguinte maneira: habitam as três Pessoas divinas no justo pelo mesmo título, ou mantém o justo uma *especial* relação com cada uma das três pessoas pelo seu próprio título?

Os Padres jamais trataram explicitamente esse problema, sendo assim necessário recorrermos a uma interpretação posterior das suas afirmações. Poderemos distinguir duas correntes:

A. Uma primeira corrente advoga que as três Pessoas habitam no justo pelo mesmo título e no mesmo modo. Unicamente por apropriação tal presença é atribuída ao Espírito Santo, vendo-se uma certa analogia entre a comum presença divina nos justos e a propriedade do Espírito Santo, visto como fruto do amor do Pai e do Filho⁵.

³ Cfr. IGNAZIO, *Lettera agli Efesini*, 9,2; *Pastore di ERMA*, *Mand.*, 11,16; IRENEO, *Adv. Haer.*, 4,20,6; PG 7, 1036; 3, 16, 3; PG 7, 922; 5, 8, 1; PG 7, 1141.

⁴ Cfr. *Didascalia*, 2,41; ed. Funk, *Didascalia*, 1, 128-130.

⁵ Cfr. GALTIER P., *Le Saint Esprit en nous d'après les Pères Grecs*, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1946.

B. Uma segunda corrente sustenta que os Padres, pelo menos implicitamente, afirmam que os justos mantêm diferentes relações reais com as diversas Pessoas da Trindade que neles habitam. Exemplo: Petavio afirmaria como doutrina dos Padres que somente o Espírito Santo, unindo-se a nós, nos santifica, enquanto as outras Pessoas se fariam presentes por concomitância ⁶.

3. O tema da “inabitação de Deus” em S. Tomás de Aquino

S. Tomás de Aquino é um marco importante e decisivo no desenvolvimento da doutrina sobre a inhabitação. Trata-a de uma forma especial na “*Summa theologica*” no fim da 1ª parte (*De Trinitate*) na q. 43 - art.3 (“*Utrum missio invisibilis divinae Personae sit solum secundum donum gratiae gratum facientis*”).

O doutor Angélico afirma a *missão invisível* e a presença das Pessoas divinas, de um *modo novo*, na criatura racional com a finalidade de operar a graça santificante (“*gratia gratum faciens*”), e de a dispor a receber a Pessoa divina. O autor esclarece também a diferença de um modo *comum* de Deus se encontrar em todas as coisas (por *essência, potência e presença*) de um modo *especial* de se encontrar reservado às criaturas racionais nas quais se faz presente como *conhecido e amado*, (naquele que *conhece e ama*). Esse *modo especial* de presença é o que o doutor Angélico considera a inhabitação de Deus na criatura racional, descrita segundo a imagem bíblica do *templo*.

Assim, constatamos que S. Tomás de Aquino sustenta a inhabitação das três Pessoas divinas na alma do justo em conhecimento e amor, mas ao aplicar a esse tema o conceito de “*missão*”, na linha de Sto. Agostinho, também como este, não esclarece ou explica como se possa assim admitir a inhabitação do Pai, que não pode ser “*enviado*” por nenhum. Por outro lado, o autor não toca na questão de se existe ou não uma especial relação do justo com cada uma das Pessoas divinas segundo o seu diferente modo de actuar. Somente refere uma espécie de antecedência do Espírito Santo, relativamente às outras Pessoas, ao ser a causa da graça santificante que possibilita a inhabitação. Mas parece-nos que essa acção antecipada do Espírito Santo não se trata ainda da inhabitação.

⁶ Cfr. PETAVIUS, *Dogmata Theologica*, tom. 3, *De Trinitate*, 1. 8, c. 5-6.

4. O tema da “inabitação de Deus” no Magistério da Igreja

O Concílio de Trento

Este concílio não aborda directamente o tema da inhabitação de Deus na alma dos justos. Mas alude a ele ao referir-se a outros temas.

No “*Decretum de iustificatione*” (cap.7- Ds. 1529-1530) poderemos descortinar uma referência indirecta ao tema da inhabitação quando afirma a “*vinda do Espírito Santo e a difusão do mesmo Espírito nos nossos corações*”, repetindo assim praticamente a doutrina do NT.

Por sua vez no documento “*Doctrina de sacramento paenitentiae*” (cap.4 - Ds 1678) ilustra-se a ideia agostiniana da presença de dois impulsos no homem: um “*impulsus Spiritus moventis*” e “*impulsus Spiritus inhabitantis*”. Por fim no cap. 8 do mesmo decreto (Ds. 1690) encontramos aquela ideia bíblica de que quem peca atenta contra o templo de Deus e ofende o dom do Espírito Santo.

Como podemos constatar das poucas menções em que se faz referência à inhabitação no concílio de Trento, se prefere abordá-lo partindo da ideia paulina do Espírito que inhabita nos crentes, fazendo-se silêncio sobre a possibilidade de inhabitação também das outras Pessoas divinas.

Encíclica “*Divinum illud Munus*” (1897)

Nesta encíclica de Leão XIII (Ds. 3329-3331) podemos notar uma retoma do tema da inhabitação, fazendo-se aí sentir uma certa influência da doutrina de S. Tomás de Aquino sobre o assunto.

Consideram-se duas presenças de Deus: uma presença “*ex creatione*” que existe em todas as criaturas e segundo o diferente grau de ser, e uma presença “*ex gratia*”, pela qual Deus habita na alma dos justos como num “*templo*”, presença essa que fundamenta uma estreita conexão de amor entre Deus e o homem e é denominada “*inhabitatio*”. Afirma-se também que a “*inhabitatio*” principia com o Baptismo e Confirmação, e era já possuída pelos justos do Antigo Testamento. Por sua vez, considera-se que existe somente uma diferença gradual entre a inhabitação de Deus nos justos sobre a terra e a Sua união definitiva com os santos na visão beatífica.

Por fim, nesta encíclica se considera a Trindade como sujeito da inhabitação, mas admitindo-se especialmente apropriada ao Espírito Santo.

Encíclica “Mystici corporis” (1943)

Esta encíclica de Pio XII (Ds. 3814-3815) apresenta em linhas gerais a doutrina da encíclica anterior, tendo somente em conta as ulteriores discussões teológicas sobre o assunto.

Afirma-se que as três Pessoas divinas inabitam enquanto presentes e enquanto recebidas em conhecimento e amor, retomando-se assim o pensamento original de S. Tomás de Aquino. Por outro lado, se a encíclica anterior atribuía a presença “*ex gratia*” em modo especial ao Espírito Santo, esta última sobre isso não nos fala, preferindo admitir sem equívocos a inabitação das três Pessoas. Esclarece também que para explicar a inabitação não é necessário atribuir a uma só Pessoa divina uma acção particular. Afirma claramente: “*Firmemente e com toda a certeza se retenha que relativamente a estas coisas tudo é comum à Santíssima Trindade, no que diz respeito a Deus como causa eficiente*”. No entanto não se exclui que uma Pessoa possa estar presente em modo particular e a título especial, não por uma acção própria na linha da causalidade eficiente, mas a um outro título (ex: causalidade formal).

Por outro lado, a encíclica, admitindo as diversas opiniões acerca do assunto, alerta somente para a necessidade de se evitar todo o tipo de *panteísmo* e uma identificação estreita entre a inabitação de Deus (na alma dos justos) e a união hipostática do Verbo com a natureza humana de Cristo. A encíclica concede ainda algumas orientações que julga necessárias para se chegar a uma recta solução:

A. Reconhecimento da impossibilidade de uma explicação definitiva e totalmente inteligível do mistério da inabitação. Afirmaria a propósito Pio XII: «*Devem igualmente ter presente que, no que diz respeito a este argumento, se trata de um mistério oculto, o qual neste exílio terreno, não pode mais ser visto liberto de qualquer velo, nem pode ser expresso em linguagem humana*» (Ds 3815). No entanto esta advertência deve ser vista também no contexto de estímulo do Sumo Pontífice a que se investigue sobre esse tema.

B. Necessidade de uma referência à visão beatífica como elemento útil para uma melhor explicitação desse mistério, partindo do pressuposto que existe somente uma diferença gradual (e não de substância) entre a inabitação de Deus nos justos sobre a terra e a Sua união definitiva com os santos na visão beatífica.

Concílio Vaticano II

O Vaticano II não dedica uma secção especial ao nosso tema mas trata-o dispersamente, abordando-o numa perspectiva e linguagem bíblica, paulina, e considerando sobretudo a inabituação do Espírito Santo, silenciando sobre as outras Pessoas divinas como potenciais sujeitos da inabituação.

Assim na constituição dogmática “*Lumen Gentium*” (nº4) se afirma que o Espírito Santo habita no templo, na Igreja e no crente. O nº9.2 acentua que “*no coração dos filhos de Deus habita o Espírito Santo como num templo*”. Por sua vez em 10.1 refere que “*pela regeneração e unção do Espírito Santo, os batizados são consagrados para formar um templo espiritual*”. Por fim em “*Unitatis Redintegratio*” nº 2.2 se fala do “*Espírito Santo que habita nos crentes*”.

B. Algumas teorias contemporâneas ⁷

Pretendemos nesta parte do nosso estudo, alargar um pouco o horizonte e apresentar de uma forma breve e crítica as principais teorias contemporâneas sobre o tema da inabituação.

Interessante verificar que todas essas bebem geralmente da mesma fonte tomista. Mas perante os problemas ou lacunas que essa perspectiva original apresenta, propõem diferentes resoluções que se complementam entre si.

Assim, actualmente constatamos a existência sobretudo de quatro teorias ⁸:

1. *Teoria baseada na operação da Trindade no justo*
2. *Teorias baseadas no conhecimento e amor*
3. *Teoria da união “quase formal” entre a Trindade e o justo*
4. *Teoria de uma solução mista*

⁷ Por “contemporâneo” entendemos aqui a primeira metade do século XX até ao limiar do Concílio Vaticano II, que coincide cronologicamente com um período de fecundidade em relação ao nosso tema, sobretudo numa releitura e aprofundamento da perspectiva tomista e escolástica, como teremos oportunidade de demonstrar. A esse propósito, sugerimos também como uma boa exposição das diversas reflexões desse período TRUTSCH J., SS. *Trinitatis inhabitatio apud theologos recentiores*, Pontificia Universitas Gregoriana (Roma), Trento, 1949.

⁸ Para o desenvolvimento deste ponto B., para além de outras obras por nós oportunamente referidas em nota de roda-pé, usaremos como fonte de referência fundamental: FLICK M. - ALSZEGHY Z., o.c., 485-498.

1. Teoria baseada na operação da Trindade no justo

Exposta especialmente por P. Galtier ⁹ que por sua vez desenvolve uma teoria precedente de G. Vasquez ¹⁰.

Esta teoria tende a reduzir a presença especial de Deus na alma dos justos somente a uma *causalidade eficiente e exemplar*.

O ponto de partida desta teoria é o princípio metafísico escolástico segundo o qual “*Deus está presente onde opera*”. Deste modo uma presença especial de Deus, tal como nos é proposta pela inabitação, deve explicar-se com uma sua operação especial, que segundo esta teoria consistiria em produzir e conservar na alma dos justos a graça santificante. Esta operação tende a assimilar a alma a Deus de tal forma que aquela se torna capaz de conhecer e amar Deus de um modo sobrenatural. Assim neste modo de operar, Deus está presente como *causa eficiente* e também como *causa exemplar*, uma vez que *imprime* a própria imagem na alma do justo. De consequência, ao considerar-se tal presença em termos de *causalidade eficiente e exemplar*, a inabitação, segundo essa teoria, é vista como uma *operação comum* às três Pessoas divinas, como *operação extrínseca* de Deus (eficiente e exemplar), não havendo assim lugar para relações distintas entre o justo e as singulares Pessoas divinas ¹¹.

2. As teorias baseadas no conhecimento e amor

Estas teorias apresentam como ponto de partida a reflexão que S. Tomás de Aquino apresenta na S. Th. 1, q.43, a.3, onde a inabitação de Deus, inserida no tema das missões invisíveis das Pessoas divinas, é vista no sentido de Deus que se faz presente de um modo especial como objecto de conhecimento e de amor na alma dos justos. Estas teorias pretendem sobretudo colmar algumas questões deixadas em aberto pelo doutor Angélico, como a questão de como considerar as crianças baptizadas destinatárias da inabitação, uma vez que estas possuem somente um tipo de conhecimento e amor incipientes.

⁹ Cfr. GALTIER P., *L'habitation en nous des trois Personnes*, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1950.

¹⁰ Cfr. VASQUEZ G., In 1, q. 8, disp. 30, c. 3.

¹¹ Cfr. FLICK M. - ALSZHEGHY Z., *o.c.*, 485-486.

Estas dificuldades foram afrontadas sobretudo por *duas correntes escolásticas*:

A. Uma primeira tentativa de solução encontramos-la em Suarez¹², cuja opinião foi renovada e difundida por Froget¹³. Estes teólogos começam por identificar intimamente aquele conhecimento e amor que existe entre Deus e o justo com a categoria de “*amizade*”. Ora, a amizade pela sua própria natureza, *exige* a presença real do amigo, e sendo a relação entre Deus e o justo concebida como uma *amizade perfeita*, as exigências dessa amizade especial não poderiam ser frustradas, pelo que se poderia pensar na presença de Deus na alma dos justos a título da amizade¹⁴.

Esta proposta teve pelo menos o mérito de explicitar convenientemente como Deus possa estar realmente presente nas crianças baptizadas antes do uso da razão e ainda com um amor incipiente. Com efeito é admissível pensar que a amizade de Deus pelo justo possa exigir a sua presença no homem, mesmo quando o justificado é ainda incapaz de corresponder em conhecimento e amor¹⁵.

B. Uma segunda tentativa de elucidação dos problemas encontramos-la em João de S. Tomás¹⁶ cuja opinião foi renovada por A. Gardeil¹⁷. Segundo essa perspectiva, a inabitação iniciaria somente quando a presença de Deus na alma (que não se distinguiria essencialmente da presença comum nas criaturas) é reconhecida, não somente com o conhecimento de fé, mas também com um tipo de *conhecimento quase experimental, amoroso e sapiencial*, pelo qual o justo se encontraria com a SS. Trindade. Relativamente ao caso, por exemplo das crianças, em quem não existe ainda aquele conhecimento e amor suficientes, a SS. Trindade não deixaria de inabitar, enquanto essas possuem de uma forma *habitual* a capacidade de chegar a esse encontro¹⁸.

Reconhecemos que esta perspectiva tem o mérito de meter bem em evidência o papel do *conhecimento* e do *amor* na explicação da inabitação, assim como conjuga de uma forma bem conseguida o elemento *ontológico* e

¹² Cfr. SUAREZ F., *De Trinitate*, tr. III, lib. 12, c.5.

¹³ Cfr. FROGET B., *De l'habitation du Saint Esprit dans les âmes justes d'après la doctrine de Saint Thomas*, Lethielleux, Paris, 1938.

¹⁴ Cfr. FLICK M. - ALSZHEGHY Z., *o.c.*, 487-488.

¹⁵ *Ibidem*, 488.

¹⁶ Cfr. JOANNES A S. THOMA, *Cursus theologicus*, tom. IV: in 1 S. th. q. 43, disp. 17, a.3.

¹⁷ Cfr. GARDEIL A., *La structure de l'âme et l'expérience mystique*, Ed. du Cerf., Paris, 1927.

¹⁸ Cfr. FLICK M. - ALSZHEGHY Z., *o.c.*, 488-489.

o elemento *psicológico* desse mistério. No entanto ao identificar estreitamente a inabitação com aquele *reconhecimento quase experimental*, corre o risco de restringir e limitar o número dos justos que possam realmente ter acesso a esse tipo “*sui generis*” de experiência da inabitação. Ora a Sagrada Escritura e Tradição afirmam que Deus habita *realmente* em *todos* os justos, independentemente do grau de percepção que estes dela tenham. Por outro lado, parece-nos que esta perspectiva não distingue convenientemente entre o modo de presença comum de Deus nas criaturas e o seu modo especial de presença ¹⁹.

3. Teoria da união quase formal entre a Trindade e o justo

Esta teoria foi inicialmente proposta por *M. de la Taille* ²⁰ e posteriormente desenvolvida por *K. Rahner* ²¹.

K. Rahner propõe-se definir com precisão o conteúdo da graça incriada (ou inabitação) usando os pressupostos ontológicos presentes na doutrina sobre a visão beatífica, tal como é proposto por S. Tomás de Aquino. Recordemos que o doutor angélico pressupunha uma identidade de carácter substancial entre a inabitação de Deus na alma dos justos e a visão beatífica; a diferença entre ambas existiria somente a nível de grau ou de estado ²².

Assim, segundo a doutrina da visão beatífica, o próprio Deus, prescindindo da “*species impressa*” e fazendo as vezes dessa, se uniria de uma forma imediata ao intelecto e à vontade do justo ou beato, tornando-o capaz de operar em conhecimento e amor em relação ao próprio Deus. Mas essa actuação das faculdades humanas por parte de Deus não deveria ser entendida de uma maneira idêntica à união da alma e do corpo no homem, porque seria absurdo pensar que Deus se pudesse confundir com a sua criatura. Desse modo, K. Rahner preocupa-se em precisar que Deus actua o justo ou o espírito criado, sem contudo tornar-se a sua *forma* (no sentido aristotélico e tomista do termo). Daí o motivo de preferir aludir a uma “*actuação de Deus (quase) formal*” para descrever a inabitação ²³.

¹⁹ Cfr. *Ibidem*, 489.

²⁰ Cfr. DE LA TAILLE M., *Actuation créée par acte incréé*, in RSR, 18, 1928, 253 - 268.

²¹ Cfr. RAHNER K., *Possibilità di una concezione scolastica della grazia increata*, in *Saggi di antropologia soprannaturale*, Edizione Paoline, Roma, 1965, 131.145.151.156-157.

²² Cfr. *Idem*, *Possibilità di una concezione scolastica...*, 136-146.

²³ É interessante verificar que nesta reflexão que faz em torno ao conceito de “causalidade (quase) formal”, o nosso autor parece pressupor, pelo menos implicitamente, aquela fórmula precisa de S.

Mais tarde no “*Curso fundamental sobre a fé*” o autor já não se coíbe em usar o conceito de *causalidade formal* (sem o prefixo “*quase*” e algumas vezes com o adjetivo “*intrínseca*”) e com esse conceito pretende esclarecer o conteúdo da *autocomunicação de Deus* e mais propriamente o da *inabituação* ²⁴. Assim Deus se relaciona com o “*existente criado*” como *causa formal*, comunicando a sua própria realidade divina e fazendo desta o *constitutivo íntimo* do aperfeiçoamento da criatura humana. Aí o teólogo alemão pressupõe também a complementaridade entre a doutrina da visão beatífica e a da graça para uma adequada explicitação do conteúdo de ambas ²⁵.

Por sua vez essa “*autocomunicação*” pressuporia o que K. Rahner denomina por “*existencial sobrenatural*” que significa aquela “*capacidade real e indevida de receber a graça*” (incluída a graça incriada ou inabituação) por parte do homem ²⁶. O autor usa essa expressão sobretudo para acentuar o carácter *indevido*, *gratuito* e de origem *sobrenatural* daquela *disposição íntima* do homem à *autocomunicação* divina.²⁷

Parece-nos assim que o conceito ou modelo de “causalidade (quase) formal” é adequado e preciso para expressar o mistério da graça incriada e inabituação divina, mas não de uma forma exaustiva. Vimos que a “inabituação de Deus” segundo a Tradição pretende sobretudo exprimir simbolicamente uma relação privilegiada de Deus com o justo, de carácter íntimo, pessoal e amoroso. Ora a perspectiva de K. Rahner, sendo em si legítima, manifesta somente uma parte desse mistério, no seu aspecto racional e intelectual, omitindo um pouco a sua dimensão existencial e amorosa.

Tomás de Aquino, quando na Pars 1, q. 43, art.3 da sua *Summa Theologica* define claramente a inabituação como “uma especial presença de Deus, reservada para as criaturas racionais, nas quais se faz presente como *coisa conhecida* em quem *conhece* e *coisa amada* em quem *ama*”. K. Rahner parece assim recuperar o núcleo central da reflexão tomista sobre o assunto, acrescentando-lhe o conceito de “causalidade formal”, extraído da doutrina escolástica sobre a visão beatífica, como elemento preciso e clarificador desse tema.

²⁴ Em K. Rahner a “autocomunicação” alude ao mistério da encarnação ou à totalidade da graça e é neste âmbito que se insere a “graça incriada” ou mistério da inabituação de Deus.

²⁵ RAHNER, K. *Curso fondamentale sulla fede*, Edizione Paoline, Milano, 1990, 163-164.167-168.

²⁶ RAHNER K., *Possibilità di una concezione scolastica...*, 69-70. cf., *Curso fondamentale...*, 175-176.

²⁷ Como simples hipótese teológica se poderia ver uma possível analogia entre esse “*existencial sobrenatural*” proposto por K. Rahner e aquela operação antecipada do Espírito Santo que prepararia a inabituação, que se distinguiria de uma outra acção do mesmo Espírito e das outras Pessoas divinas enquanto já in-habita, como nos é referida por alguma tradição, a exemplo de S. Agostinho que na sua carta “*Ad Dardanum*” e usando a expressão “*impulsus Spiritus moventis et nondum inhabitantis*”, distingue entre uma operação do Espírito que in-habita de uma outra acção do mesmo Espírito que prepara a inabituação. Cfr. AUGUSTINUS, *De praesentia Dei liber, Epistola ad Dardanum*, in PL, 33, 832-848.

4. Teoria de uma solução mista

Este tipo de proposta, apresentamo-la como é sugerida por *M.Flick* e *Z. Alszeghy*²⁸.

Esta nova tentativa de solução pretende tornar inteligível o tema da inabitação divina, conjugando de uma maneira *estrutural* e *orgânica*, os vários elementos válidos das teorias até agora apresentadas e partindo de um conceito chave, o da *amizade*, que serviria como ponto de união desses diversos elementos. Esta proposta decorre da constatação de que as teorias até agora apresentadas tendem a reduzir a inabitação a um *único factor*, que é apresentado e confundido com a *essência da inabitação*. Ora, baseando-se a inabitação num tipo de relação que poderíamos chamar *interpessoal* e pressupondo a *complexidade* inerente à própria estrutura da pessoa humana, a união íntima entre pessoas não pode ser reduzida a um só elemento; e muito menos quando se trata de uma relação com o Deus interpessoal.

Assim, esta última perspectiva insere em si a tendência proposta por *G. Vasquez* e desenvolvida por *P. Galtier*, sobretudo quando este último afirma que a inabitação (entendida como amizade) implica uma *relação ontológica real* entre o justo e Deus que aparece por sua vez como fundamento da união intencional (em conhecimento e amor mútuo). Igualmente esta explicação da inabitação partilha da intuição de *S. Tomás de Aquino* de que o elemento principal da inabitação seria o *conhecimento* e o *amor*, mas no entanto estas duas estruturas não são vistas, como na perspectiva de *João de S. Tomás*, como um conhecimento *quase experimental* de Deus, mas sim como uma *fé viva*, expressão de uma *amizade* que se verifica já no evento da justificação a partir do baptismo e que atinge o seu cumprimento na visão beatífica. Por outro lado, pretende-se assegurar que a “amizade”, na linha defendida por *Suárez*, seja vista antes de mais e em si mesma, como uma verdadeira presença pessoal que supõe uma nova relação ontológica, distinta da relação simples que existe entre o Criador e a criatura. Por fim, esta nova teoria integra também em si aquela perspectiva de *M.de la Taille* e de *K. Rahner* da “*actuação quase formal*” pela qual as Pessoas divinas se unem à alma do justo. A “amizade” aparece aí como o fim e o verdadeiro sentido daquela actuação, enquanto esta se daria para que o justo possa encontrar-se, em conhecimento e amor, com as três divinas Pessoas.

²⁸ Cfr. FLICK M. - ALSZEGHY Z., *o.c.*, 493 - 498.

Conclusão

Numa visão diacrónica expusemos de uma maneira sintetizada os dados da teologia positiva atinentes ao mistério da inabituação de Deus na alma dos justos. Denotamos uma riqueza de símbolos e expressões que pretendiam sempre a elucidação possível desse mistério central da soteriologia cristã.

Inserimos também neste estudo as teorias principais contemporâneas em torno ao tema que nos ocupa. Todas essas perspectivas apresentam como retrospectiva o contributo dado por S. Tomás de Aquino e seus comentadores sucessivos. Aportam todas elas naturalmente alguns dados importantes mas também insuficiências, sendo necessário a complementaridade recíproca dessas diversas perspectivas para uma adequada aproximação ao mistério.

Agora, considerando algumas questões em aberto, fizemos já sentir que o tema da *inabituação divina* mereceria ocupar um lugar de maior destaque na reflexão teológica hodierna, nomeadamente na teologia moral fundamental, na teologia dos sacramentos e também no âmbito da vida pastoral. Recordamos que já S. Paulo inseria a sua reflexão sobre o tema da *inabituação* no contexto da vida moral concreta das comunidades cristãs às quais se dirigia. A dignidade do cristão como pessoa *inabitada* pelo Espírito Santo e como *templo* de Deus deveria ter como consequência prática uma vida moral irrepreensível, para se ser digno dessa condição. Assim como na perspectiva joanina, o evento da *inabituação* e do *permanecer* da Trindade na vida do discípulo de Jesus, aparece sempre como consequência (e condicionada) por um existir versado na fé e no amor para com Deus e o próximo. Também a riqueza dos sacramentos poderia ser melhor percebida e valorizada se esses fossem vistos na perspectiva de eventos que nos aproximam, nos inserem e nos fazem mergulhar em *profundidade* naquele mistério da presença de Deus em nós, n' Aquela em Quem *nos movemos e existimos*.

Também fazemos sentir a necessidade de se articular um discurso teológico em torno ao tema da “inabituação de Deus” que saiba colher e aproveitar melhor a riqueza das diversas aporções concedidas pela

Tradição (e também as extraídas dos grandes luminares da “mística” cristã), que permitam espelhar assim (de uma forma aproximativa e eloquente) aquela Presença especial ou aquele encontro amoroso e íntimo entre Deus e o homem justo, já e aqui na sua situação de peregrino, e sempre na promessa do ainda não da plenitude do encontro e da visão definitiva.

Bibliografia

- AUER, J. - RATZINGER, J., *Il Vangelo della grazia*, Cittadella Editrice, Assisi, 1969, 154-163.
- BECKER, K. J., *De gratia*, (ad uso degli studenti), Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1996.
- CONCILIUM TRIDENTINUM, Sessio VI, *Decretum de iustificatione*, 1529-1530; Sessio XIV, *Doctrina de sacramento paenitentiae*, 1690, in DENZIGER-SCHONMETZER, *Enchiridion Symbolorum Definitiorum et declarationum de rebus fidei et morum*, Herder, Friburgi Brisgoviae, 1973, 371-372.398.
- CONCILIUM VATICANUM II, *Lumen gentium*, 4; 9.2; *Unitatis redintegratio*, 2.2, in AAVV., *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, Edizioni Dehoniane, Bologna, 1991, 850-851.856.909.
- DE LA TAILLE, M., *Actuation créée par acte incréé*, in RSR, 18, (1928), 253-268.
- FLICK, M.,-ALSZEGHY, Z., *Il Vangelo della grazia*, Libreria Editrice Fiorentina, Roma, 1964, 457-498.
- FROGET, B., *De l'habitation du Saint Esprit dans les âmes justes d'après la doctrine de Saint Thomas*, Lethielleux, Paris, 1938.
- GALTIER, P., *L'habitation en nous des trois Personnes*, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1950.
- *Le Saint Esprit en nous d'après les Pères Grecs*, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1946.
- GARDEIL, A., *La structure de l'âme et l'expérience mystique*, Ed. du Cerf, Paris, 1927.
- JOANNES A. S. THOMA, *Cursus Theologicus*, In *Primam Partem D. Thomae*, t. IV, q. 43, disp.17, a.3, Lugduni, 1663.
- LEO XIII, Enciclica *Divinum illud Munus*, in ASS, 29, (1897), 644-658.
- PHILIPON, M.M., *L'inabitazione della Trinità nell'anima. Spiritualità di Elisabetta della Trinità*, Milano, Editrice Ancora, 1966.
- PIUS XII, Enciclica *Humani generis*, in AAS, 42, (1950), 561-578.
- Enciclica *Mystici Corporis*, in AAS, 35, (1943), 193-248.
- RAHNER, K. *Corso fondamentale sulla fede*, Edizione Paoline, Milano, 1990, 161-188.
- *Possibilità di una concezione scolastica della grazia increata*, in *Saggi di antropologia soprannaturale*, Edizione Paoline, Roma, 1965, 123-168.
- *Rapporto tra natura e grazia*, in *Saggi di antropologia soprannaturale*, Edizione Paoline, Roma, 1965, 43-77.
- SUAREZ, F., *De Trinitate*, tr. III, lib. 12, c. 5, Ed. L. Vivès, Parisiis, 1856, 807-813.
- THOMAE AQUINITATIS, *Summa theologiae*, I^a pars, q. 43, in BAC, 77, Madrid, 1950, 322-331.
- TRUTSCH, J., *SS. Trinitatis inhabitatio apud theologos recentiores*, Pontificia Universitas Gregoriana (Roma), Trento, 1949.
- VASQUEZ, G., *Commentariorum ac. Disp. in Primam Partem S. Thomae*, t. I, q.8, disp. 30, c.3, Lugduni, 1631.

S. NUNO DE SANTA MARIA

TERESA BERNARDINO

«Tinha em mente agradar mais a Deus mantendo a virgindade. Narram as histórias de Galaaz e de outros cavaleiros imortais que a virgindade os fazia comungar da perfeição distante mas alcançável.»

Teresa Bernardino, *Eu, Nuno Álvares* (romance), p.31.

Muito jovem, Nuno Álvares Pereira foi armado cavaleiro na Casa Real de D. Fernando e da rainha D. Leonor. Imbuído dos princípios da honra e da glória cavaleirescas, era um jovem fioso, intrépito, por vezes, emocional e instável. Identificava-se com o seu tempo tanto pela guerra sacrossanta contra o Infiel, como pela paz elevada a ideal de raiz cristã. Nos saraus aristocráticos da 2ª metade do século XIV a poesia dos amores sublimes, castos ou pecaminosos, as obras piedosas dos monges, a libertação dos povos opressores deliciava, com maravilhamento, os cavaleiros veneradores da tradição lendária da corte do rei Artur.

Nascido, em 1360, no mosteiro de Flor da Rosa (Crato) no Alentejo, Nuno iniciava-se na profissão nobre de cavaleiro com apenas treze anos. Aos vinte e três anos, a crise dinástica sucessória do rei falecido sem filho varão e uma filha casada com o rei de Castela, colocou Portugal à mercê das ambições iberistas dessa nação. Ao tomar o partido de D. João, Mestre da Ordem Militar de Avis, combatente pela liberdade da sua pátria, Nuno Álvares Pereira alcançou a glória de vitórias improváveis ante tão poderoso invasor, entre 1384 e 1385, em Atoleiros (Alto Alentejo), Aljubarrota (Leiria) e Valverde (perto da fronteira de Badajoz).

A gesta do cavaleiro perfeito aparecia a Nuno Álvares Pereira como o seu objectivo de vida. A imagem de um verdadeiro Galaaz da corte, já

não do rei Artur, mas do rei de Portugal, confirmava-se. A fama do seu heroísmo e da sua arraigada ligação a um cristianismo de cruzada levava D. João I a conceder-lhe o título, entre muitos outros, de Condestável do reino. Mas tudo isto começou a ser para ele mais uma inevitabilidade do que uma vontade.

A cruzada guerreira desvanecia-se no seu espírito atormentado com os dramas que vivera durante as batalhas, com a dor, com o sofrimento, com a morte. A sua espiritualidade ia-se fortalecendo numa fé que cada vez mais queria pôr em prática. Renunciou sucessivamente aos títulos e às vastas propriedades territoriais com que o rei o recompensara. Jejuava com frequência. Mandava construir capelas e igrejas desde o Alentejo à Estremadura, descia à rua para dirigir pedreiros nos edifícios mais grandiosos, como o mosteiro e igreja que mandou erigir em monte escarpado de Lisboa, em honra de Nossa Senhora, construção que se prolongou por dez longos anos.

Já viúvo com apenas vinte e seis anos, como nos informa Fernão Lopes na *Crónica de D. João I*, recusou sempre outro casamento. Sua única filha, Beatriz, morria de parto em 1414. No ano seguinte, ainda participava na cruzada de Ceuta, verdadeira cruzada contra a fé em Maomé. Mas, os tempos eram outros e a sua exaustão da guerra tornava-a um suplício. A sua alma já demasiado comprometida com a virtude que o amor aos aflitos, aos perseguidos e aos pobres lhe proporcionava, regozijava-se agora com a paz dos claustros. A alegria de vencer com a espada morrera.

A construção de mosteiros e igrejas dedicadas à Virgem Maria, o cuidado com o bem-estar dos seus antigos companheiros de batalha, o carácter contemplativo cada vez mais renegando a força das armas em favor da força da fé e da oração, fortificava-se nele, ano após ano. O Condestável, o homem mais rico do reino, pedia que o tratassem por Nuno. O cavaleiro caíra sob o jugo único da paz. A escolha era clara: apenas a cruz. A espada era agora uma lembrança cruel que o fazia cair numa tristeza de morte.

Os ideais que o norteavam com vinte e três anos decorriam do espírito do cavaleiro cristão. A hora da entrega plena a Cristo e a Sua Mãe chegara há muito. Contudo, os compromissos mundanos com o rei, com os príncipes, enfim, com a corte portuguesa eram fundos e sérios. Nada pode ser quebrado de súbito. Pronto a defender a vitória do bem sobre o mal, os pobres e as vítimas da injustiça e da opressão, jogara com coragem o papel

de defensor-mor do reino. Saber que a cavalaria implicava o sacrifício, a abnegação, o heroísmo, dava-lhe a força moral para se colocar do lado dos seus compatriotas à beira da tirania. E sabia como um “fraco rei”...

Contudo, o invasor pretendia sufocar a liberdade do povo português. Nuno tinha orgulho de pertencer a essa gente rude, mas firme no seu desejo de independência, desde os tempos idos dos Lusitanos. Uma pátria pequena confrontava-se com a gigante. A luta em prol da reposição da justiça dos mais fracos oferecia ao jovem cavaleiro um sentido de vida inultrapassável, de ideal ao serviço de Deus porque ao serviço dos humildes, mas senhores de si, senhores da sua identidade.

A plenitude do amor aos que estavam claramente em desvantagem frente ao inimigo, o respeito pelas tradições autonomistas de Portugal desde a “primeira tarde portuguesa” em 1128, na batalha de S. Mamede, o culto dos heróis como o mártir S. Jorge – por quem clamava sempre no início das batalhas – tinham transformado o incansável Nuno Álvares no seu próprio ídolo, o cavaleiro Galaaz, esse herói-mito da Idade Média. Este cavaleiro da Távola Redonda do célebre rei Artur continuava a ser venerado nos séculos XIV e XV. Lembramos, a propósito, Joana d’Arc que, em 1429, alcança a grande vitória em Orléans que marcaria o sentido do vencedor na Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Esta mulher que, no século XV, atingiu um prestígio militar idêntico ao do mítico Galaaz, era uma camponesa a chefiar o exército real. Ela era o epílogo do prestígio da mulher atingido no século XV.

Em Portugal, Nuno, o Condestável de D. João I, seguia já o espírito de Galaaz. Ele era, de facto, das terras de Santa Maria, afortunado cavaleiro como o previu o alfageme de Santarém. Nuno, invencível, como o modelar Galaaz. A profecia cumpriu-se. As batalhas revelaram um Nuno Álvares Pereira entre a espada da liberdade para o povo português e a oração em que se refugiava sempre que estavam próximos os combates ou se aproximava uma vitória a roçar o impossível. Nuno que, ainda em 1415, se haveria de pronunciar a favor da cruzada contra o Infiel, na hora decisiva da conquista da cidade de Ceuta. Aí pelejava, de novo, o Galaaz português.

Ceuta seria a última corrida com a espada na mão. O serviço dos mais pobres, o serviço de Deus e de Maria, Mãe de Jesus, absorviam-no já como se de um monge se tratasse. A comunhão com Deus, o combate a todos aqueles que estivessem do lado do mal, a luta contra as forças

demoníacas, os inimigos da fé, o auxílio aos doentes, aos presos, aos pobres que abundavam na sua própria terra natal, não lhe permitiam continuar o tempo da fama e da glória da guerra.

No ano de 1423, Nuno Álvares Pereira ingressava na Ordem Carmelita com o nome de Frei Nuno de Santa Maria. Com uma sensibilidade muito especial àqueles que, ingressando em Ordens Religiosas, tinham deixado de cumprir com humildade cristã a sua Regra, decidiu mudar o rumo à sua vida de cavaleiro poderoso. Na vila de Moura, no coração do seu Alentejo natal, conhecera alguns membros da Ordem Carmelita que passava por grandes dificuldades, não só em professos de qualidade como em meios de sobrevivência. Logo, o mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, em Lisboa, se tornou a sua casa.

Vestindo o hábito, saía todos os dias do mosteiro do Carmo em Lisboa, após jejuos e orações. Procurava pobres e doentes para lhes oferecer alimentos e o consolo da harmonia e da paz que, agora, finalmente, ganhara. A santidade revelara-se também nos milagres que muitos lhe atribuíam. Mas o seu reconhecimento pela Igreja não estava à porta, apesar de o rei D. Duarte, visita assídua de Frei Nuno de Santa Maria até ao dia da sua morte, em 1431, o ter sugerido ao Papa poucos anos depois de subir ao trono.

Beatificado em 1918 por Bento XV, apenas hoje, dia 26 de Abril de 2009, é canonizado pelo Papa Bento XVI. Com este novo santo, a Ordem Carmelita recebeu mais um louvor da graça divina. O carácter de santo universal foi, finalmente, reconhecido como indiscutível. Um altar para venerar S. Nuno de Santa Maria. E venerá-lo, é, acima de tudo, segui-lo.

Lisboa, 26 de Abril de 2009

HUMANIZAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

NOS ASPECTOS DA RELAÇÃO DE AJUDA CORRECTA NOS CUIDADOS CONTINUADOS

BERNARDO DOMINGUES

1. Para **conseguir o bom exercício da ajuda adequada às pessoas doentes e dependentes**, é essencial ter uma **visão antropológica unificada da pessoa e as respectivas circunstâncias da vida** vivida e as perspectivas existenciais a curto prazo, conscientes de que os cuidados de saúde não são só para curar, mas também para ajudar a morrer com sentido porque acreditamos e esperamos que a vida temporal prepara a eterna.

2. **É essencial pois um diagnóstico actualizado** tendo em conta a anamnese, a qualidade de *vida* vivida, o prognóstico fundamentado, os valores assumidos, a respectiva irreversibilidade e as esperanças fundamentadas, tendo em conta os valores culturais e respectivos interesses actuais a estimular com a verdade possível, sem sugerir que com a morte biológica tudo acaba.

3. No concreto há que **apurar a situação corporal dos subsistemas do organismo** e respectiva degradação assim como a atitude psicossomática e espiritual sobre o sofrimento, a vida e a morte. Isto exige um trabalho em equipa interdisciplinar com afinação e adaptações permanentes para responder às necessidades de modo adaptativo.

4. **É essencial adequar a qualidade e pertinência dos cuidados** tendo em conta a vida disponível e respectivo significado pessoal, promovendo os mecanismos de **atenção, empatia, respeito e afectividade** respondendo às respectivas necessidades, baixando a agressividade da dor e tentando estar presentes e atentos às emergências e ocorrências.

5. **Tentando desenvolver a confiança pela proximidade e atenção empática** pela escuta atenta, o olhar relacional e o toque significativo de atenta disponibilidade, é também importante respeitar a possível liberdade

pessoal, acolher as suas decisões fundamentadas e tentar fazer sempre o bem, bem feito, fazendo com ele e por ele o que se julga fundadamente que ele decidiria e faria se estivesse como pessoa apta e autónoma.

6. Nas propostas de ajuda, **sem preconceitos ou resistência às concretas e aconselháveis mudanças, é essencial adaptar-se às situações emergentes** e, sem desconfiança, buscar e transmitir a verdade sem agressividade e proporcionar o acolhedor diálogo operativo e integrativo para a ajuda recíproca.

7. Com **lealdade e fidelidade há que, com a possível objectividade, buscar** os processos de esclarecer a situação para que, na liberdade possível, o necessitado tome as decisões oportunas na situação concreta da vida actual e previsível e assim dispor sobre «vontades» futuras com significado e possíveis.

8. Tendo em conta a respectiva história e a presente **eventual abertura ao espiritual**, é importante, no respeito *efectivo* pela própria identidade e opções da vida, **proporcionar a intervenção desejada do respectivo responsável religioso**. Também a resposta a este desejo faz parte do cuidar pertinente como elemento dos cuidados a prestar, mesmo nas situações irreversíveis.

9. Na perspectiva humanizante, **desde Hipócrates até ao presente, houve um progresso efectivo nos aspectos científicos e tecnológicos** nos cuidados de saúde; superando a ingenuidade do apregoado e falido superhomem, o sofrimento, o envelhecimento e a morte atravessam-se na vida da humanidade.

10. Especialmente nos casos irreversíveis, além da misericórdia cristã, há que propor uma **efectiva ajuda a quem busca sentido para o viver e o morrer**, ajudando os «desenganados» a abrir horizontes face ao enigma da morte que se aproxima. No respeito por cada pessoa, é sadio auxiliar a enfrentar a morte como um facto natural inscrito do arco da vida humana, embora envolva complexas incógnitas.

11. Pelo que é conveniente que na cultura sobre o sentido da vida se inclua a dimensão inevitável da morte. Nas **terapêuticas paliativas parece essencial integrar a problemática de ajudar a morrer** e auxiliar a assumir o luto pelos familiares e amigos. Tentando dominar a dor, proporcionar o conforto e a consolação, não se pode esquecer a possível autonomia do doente e os respectivos valores religiosos assumidos.

12. Os cuidados paliativos (do latim «pallium») ou aquilo que envolve pelo amplo manto de tudo o que possa ajudar a viver e a morrer

significativamente ou seja: a **atenção integral ao doente definitivo** nos aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais em que devem colaborar a equipa de saúde, a família e os voluntários, para bem adaptar e individualizar os cuidados de ajuda.

13. Tornou-se uma «prática operativa» considerar **estado terminal, com a aplicação dos cuidados paliativos a pessoas diagnosticadas com uns seis meses de vida** devido a causas múltiplas: doença incurável grave, degenerativa e progressiva, acidentes sem hipótese médica de reversibilidade, mesmo com razoáveis tratamentos. Estas situações irreversíveis desencadeiam impacto emocional no próprio, na família, amigos e até nas equipas de cuidados de saúde. Os cuidados possíveis e aconselháveis devem envolver a participação relativa e informada da família e amigos influentes no doente.

14. **É correcto prestar atenção à possível autonomia do doente** e que inclui a sua possível participação nas decisões terapêuticas assim como nas modalidades de «silêncio» e «presença» dos familiares e amigos, sem inculir a desistência porque «não há nada a fazer».

A atmosfera de alegria, conforto e amizade é importante para não desistir de participar na vida contextualizada, com participação verdadeira e honesta no apoio recíproco de todos os envolvidos no processo de ajuda possível.

15. A adaptação às circunstâncias exige «flexibilidade ponderada» nas formas de ajuda; **se possível há que levar ao doente a nova aprendizagem de posições com informações acessíveis** para aplicar as capacidades disponíveis, dando-lhe o sentido de ser e de participar, sem ser um peso agressivo. O acesso à informação verdadeira é pois fundamental para a integração de todos na ajuda mútua e complementar.

16. **Por isso as dimensões espirituais e religiosas devem ser respeitadas e apreciadas incluindo as posições diversificadas de cada pessoa.** A sintonia colectiva é complexa e difícil porque depende da história e da vivência dos valores pessoais. Caso tenha sugerido a presença dum «responsável religioso», é de justiça proporcionar essa oportunidade de encontro sem encargos mas em forma de voluntariado e ajuda devida.

17. **Caso o doente pretenda participar na celebração da sua fé, é justo proporcionar esses aspectos**, humanizando o contexto de privacidade do encontro, de modo que a pessoa não sinta que incomoda ou se torna marginal, enquanto diferente dos outros. Detectada a eventual necessidade e vontade da

pessoa, ela deve **perceber que o seu direito será satisfeito sem encargos** para ninguém. E a logoterapia pode acontecer nestes encontros de especial significado e que exprime a liberdade pessoal em que se exprime, recebe informação e outros entram na dinâmica de participar na respectiva problemática, reconciliando-se consigo, com os outros e com o sentido total da vida porque a morte física não é o fim, mas passagem para o reino dos vivos definitivos.

18. Eventualmente **certos ritos de encontros poderão significar também despedidas duma vida que desfrutou e sofreu**, pelo que é normal que sinta a necessidade de perdoar e ser perdoado, assim como de rever momentos de sucesso. É importante não supervalorizar os riscos ou aspectos de tragédia porque tudo isto são aspectos do real da existência temporal, encontrando assim os caminhos da reconciliação. O essencial é que haja um ambiente de atenção e discreto apoio nas eventuais emoções assim desencadeadas.

19. **A culpa pessoal reconhecida, por voluntário afastamento é uma atitude doentia** mas uma busca de autenticidade e busca de perdão que a reintegre numa orientação do ser que sempre deveria ter sido; por isso mesmo pode ser tempo de revalorização pacificadora desvinculando-se dos males sofridos ou provocados e que o sofrimento poderá dar um sentido redentor, integrando-se na via da comunhão com o Absoluto e de reconciliação com os ofendidos. **Tudo pode representar reencontro com o sentido pleno**, desde que encontre apoio e compreensão à sua volta, percebendo que o bom caminho é o da beneficência promovida e desfrutada.

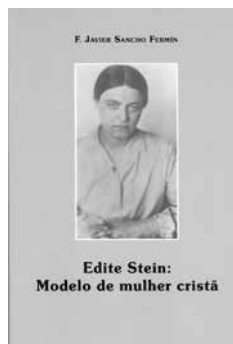
20. Em suma: a equipa de apoio deve perceber quando for o momento adequado de **abster-se de intervenções que seriam encarniçamento terapêutico**. Sem prejudicar o doente, nem os seus familiares e amigos, utilizando a informação ajustada, devem ajudar a partir cada um na sua hora e na esperança, apoiando os que continuam a jornada a tornarem-se conscientes do dever de buscarem a verdade e a reconciliação sem ressentimentos nem desespero pelos limites experimentados. Assim teremos em conta o **princípio do bem da totalidade** nas intervenções com **duplo efeito ponderado** sem nunca esquecer o universal dever da justiça, da subsidiariedade recíproca, além da solidariedade para ajudar e receber ajuda consoante as circunstâncias num clima de autenticidade na arte de bem cuidar, aceitando as legítimas diferenças.

OBRAS SOBRE EDITH STEIN PUBLICADAS NAS EDIÇÕES CARMELO



O testemunho de Edith Stein continua vivo e pode iluminar a nossa vida. Eis aqui estas 100 Fichas que, progressivamente, nos ajudarão a penetrar na sua vida, nos seus escritos e no seu pensamento.

A vida de Edith, o seu itinerário e crescimento espiritual, fazem desta singular mulher judia, filósofa, religiosa carmelita descalça, mártir, santa, padroeira da Europa, um extraordinário modelo da vida cristã.



Uma vida apaixonante de uma mulher do nosso tempo, à procura incansável da verdade, que soube perder para ganhar evangelicamente: perdeu as suas convicções ateias, para ganhar a luz da fé; perdeu a sua família e o seu povo, para os encontrar no seguimento de Jesus...



«Este livro relata uma vida que é a síntese de uma história cheia de feridas profundas que ainda hoje continuam a fazer sofrer... síntese ao mesmo tempo da verdade plena sobre o homem, num coração que esteve inquieto e insatisfeito enquanto não encontrou a paz em Deus».



A Bíblia lida pela mulher» é uma aproximação à Bíblia – o nosso livro místico por excelência – a partir da perspectiva de uma das maiores figuras místicas e femininas do séc. XX, Santa Edith Stein, Padroeira da Europa.

É uma brevíssima escolha dos que nos pareceram os mais belos textos de Edith Stein sobre temas como: «A vocação do ser humano», «O Amor: essência da vida», «Viver nas mãos de Deus», «A oração», «Vida Eucarística», «A maternidade espiritual»...



OUTROS LIVROS



Obras Completas de Isabel da Trindade

Formato: 20 x 14 – 1072 pp.

Titulo original: ÉLISABETH DE LA TRINITÉ,
Oeuvres complètes, (éd. critique réalisée par le Père
CONRAD DE MEESTER, carme)

Traduzido por : Carlos H. do C. Silva, docente da U.C.P.
– Lisboa

(e colaboração parcelar de P. Manuel F. Reis, O.C.D.
e Isabel Medina C. Silva)

A presente tradução integral desta edição foi organizada
por Carlos H. do C. Silva, com anotações complementares
e as necessárias adaptações.

© Tradução portuguesa: Edições Carmelo, 2008.

«É altura, neste campo aberto de presenças e ausências, em que a variedade de outras propostas “espirituais” contrasta com a escassez de respostas cristãs autênticas, de se conhecerem e saborearem os textos da carmelita de Dijon. É altura de “percebermos” que o Cristianismo corresponde em absoluto à disposição inata de comunhão que, apesar de tudo, mantemos, como pessoas e como sociedade; e corresponde porque, pela encarnação do Verbo e a participação no seu Espírito, nos realiza finalmente na filiação divina para que fomos criados: da Trindade criadora à Trindade redentora (na obra do Filho), eis concluída a salvação do mundo, pela salvação do homem seu centro consciente e responsável. Isto soube-o Isabel da Trindade, isto importa saber com ela, em adoração e caridade».

(Da Apresentação, por D. Manuel Clemente, Bispo do Porto)



Não temas, crê somente Rezando o Evangelho de S. Marcos

Formato: 19,5 x 13,5 – 120 pp.

Autor: António José Gomes Machado

«O António José, um carmelita secular, oferece-nos um belo livro que nos introduz, ao estilo da *lectio divina*, na sabedoria e no tesouro do Evangelho, isto é, no coração e na mensagem de Cristo. Ele lê e ruma o Evangelho de S. Marcos ao jeito dos mestres do Carmelo, isto é, a partir de dentro, com inteligência e afectividade».

(Do Prefácio, pelo P. Agostinho Leal)

RE

Revista de Espiritualidade

Ano XVII – Nº 66 – Abril / Junho 2009

PORTUGAL, Alpoim Alves

Até à união com Deus

VECHINA, Jeremias Carlos

Edith Stein – Biografia

Edith Stein – A Conversão

MAIA, Américo Paulo S.F.

O tema da “Inabitação” de Deus (Na alma dos justos) ao longo da história da teologia

BERNARDINO, Teresa

S. Nuno de Santa Maria

DOMINGUES, Bernardo

Humanização e espiritualidade – Nos aspectos da relação de ajuda correcta nos cuidados continuados